



3 1761 06631146 5

BRIEF

PN

0016946



JAIME CORTESAO

ADÃO E EVA



Empreza de Publicidade "SEARA NOVA,, - LISBOA



Adão e Eva

DO AUTOR

- A Morte da Águia*, 1909.
A Arte e a Medicina, 1910.
Esta História é para os Anjos, 1912.
Sinfonia da Tarde, 1912.
Daquem e Dalem Morte, 1913.
Glória Humilde, 1914.
Cancioneiro Popular, (Antologia precedida dum estudo critico), 1914.
Cantigas do Povo para as Escolas, (Seleccção e prefácio), 1914.
O Infante de Sagres, drama em IV actos, 1916 (3 edições).
Egas Moniz, drama em IV actos, 1918 (2 edições).
Memorias da Grande Guerra, 1919 (3 edições).
Soror Mariana — Cartas de Amor — (Nova restituição e esboço critico) Edição do Anuário do Brazil, 1920.
Itália Azul, (no prelo) Edição do Anuário do Brazil.

JAIME CORTESÃO

ADÃO E EVA

PEÇA EM 3 ACTOS

*Representada pela primeira vez no Teatro do Gimmásio,
em Maio de 1921*

2.º MILHAR



EDIÇÃO DA
EMPRESA DE PUBLICIDADE "SEARA NOVA,"

0016946

ADAO E BVA



ANJOS TEIXEIRA interpretou para a capa a escultura de FRANCESCO MOSCA, da catedral de PISA.

PERSONAGENS

SUZANA.....	<i>Berta de Bivar</i>
D. CRISTINA.....	<i>Julia da Assunção</i>
MARCOS.....	<i>José Alves da Cunha</i>
CÓNEGO.....	<i>Augusto Machado</i>
DOMINGOS.....	<i>Otelo de Carvalho</i>
JUSTINO.....	<i>António Palma</i>
UM GUARDA.....	<i>Carlos de Deus</i>
UM SOLDADO.....	<i>António Tavares</i>

Lisboa ; actualidade.

ACTO I

Sala de estar, comunicando, à esquerda, com o interior da casa, à direita por uma porta com o exterior e por outra com o gabinete de trabalho de Domingos. Ao fundo, altas portas envidraçadas, dando para um jardim arborizado. Por detrás, balaustrada de um pequeno terraço, que separa a casa do jardim. Por entre as frondes das árvores vê-se tremuluzir no escuro parte da cidade iluminada. Interior rico, em cujo arranjo se adivinha o gosto feminino. É depois do jantar. Em cima de uma mesa, chárenas de café, cálices, taças, uma garrafa de champanhe, charutos, cigarros.

SCENA I

CÓNEGO FRUTUOSO, DOMINGOS, JUSTINO
e D. CRISTINA

DOMINGOS

(para o cônego, oferecendo charutos)

Vá lá, cunhado...

CÓNEGO

Não. Obrigado.

DOMINGOS

Olhe que são bons; caros, mas bons... Se prefere as cigarrilhas...

CÓNEGO]

Não; já sabe: este maldito catarro... Estou feito anacoreta: agora contas e borracha.

D. CRISTINA

(para o cônego)

Quem te ouvir!... Fazes-me velha também!

JUSTINO

Pai, faz favor: uma cigarrilha...

(Domingos e Justino fumam.)

CÓNEGO

(reatando a conversa interrompida)

Rende-lhe então uns seiscentos ou mais por cento...

DOMINGOS

Ah! sim... o negócio de ha pouco... é um negócio regular...

CÓNEGO

Caspité! ainda acha pouco... O que vai ser de nós os que temos de comprar!...

DOMINGOS

Olhe que não é muito. Hoje em dia menos que isso já se não pega.

CÓNEGO

É claro: vai repetir a sua tática. Só dará o artigo à venda, quando já quasi de todo não houver. Imporá então o preço. Vamos ter uma alta formidável no mercado.

DOMINGOS

É certo. Mas se não fosse eu, era outro. Quem quiser que se arranje. A ocasião é que faz o negócio.

CÓNEGO

(uma pontinha de malicia)

E o ladrão, diz o ditado...

DOMINGOS

Mas que julga?! Olhe que estas grandes fortunas ultimamente acumuladas,—o Alves Neto, o Pedrosa, o Guimarães & Comp.^a, foi assim que se fizeram.

JUSTINO

Para êsses enriquecerem quantos vivem nas maiores dificuldades... Com franqueza, meu pai, achava preferível ganhar menos a ganhar por êsse modo.

DOMINGOS

Tanto te pesa então o dinheiro que eu ganho?!

D. CRISTINA

Credo, menino! Também digo. Dificuldades quem as não tem presentemente?! E então com êstes barulhos...

DOMINGOS

(para o cónego)

Nós até êste ano resolvemos convidar apenas os da família.

CÓNEGO

Que eu também, num dia dêstes, com tumultos e tiros pelas ruas, se não fosse o jantar de anos do rapaz, ninguém me arrancava do buraco.

DOMINGOS

Mas, enfim, creio que não se esteve mal...

CÓNEGO

Como uns príncipes, Hoje, em dia, só se come bem em casa de capitalistas.

DOMINGOS

Só o Marcos não veio. Nem faz falta. Se havia de vir para aí com os disparates do costume...

JUSTINO

Custa-me bem que êle não tenha vindo, e que o papá lhe mostre má vontade. O Marcos, à parte as suas idéas, é um excelente rapaz.

CÓNEGO

Idéas exaltadas... arrebatamentos da mocidade, quem os não teve?!

DOMINGOS

Tudo tem seus limites. E êle passa das marcas. Estou cheio. Se não fôra o parentesco

que tem comsigo e com sua irmã... E emfim...
Passemos adiante.

D. CRISTINA

Pobre rapaz! Não é só isso... Lembra-te que é órfão, filho natural... e que eu quási o criei... sou sua tia avó...

JUSTINO

Por mim, hei de sempre lembrar-me que me salvou a vida na Nazaré. Só êle, com tão grave risco da sua, teve coragem para me ir buscar.

D. CRISTINA

Tem lá as suas idéas... Que se avenha!
Não faz mal a ninguém...

DOMINGOS

Lá voltas tu! Vocês, as mulheres! Não faz mal a ninguém?!(*com um riso de mofa*) Até noutro dia na fábrica, um operário, a quem eu reprendia, me citou a opinião dêle, como coisa de pêso. (*pausa*) Ora eu não lhes quis estragar o jantar. Mas, emfim, aí vai. Alguém do govêrno me avisou ainda hoje de que estamos em vésperas de um movimento, de que o Marcos é um dos dirigentes e, ás primeiras tentativas, vão desterrar para as colónias os agitadores mais perigosos, ao número dos quais êle pertence. Agora arranquem-se. E digam que é inofensivo.

CÓNEGO

(*saltando na cadeira*)

Homem! e só agora se sai com essa?!

D. CRISTINA

Em nome do Padre... O demónio do rapaz! Desterrado! Nossa Senhora nos acuda!

JUSTINO

Não me diga... Ora essa! O certo é que se esperam acontecimentos muito graves. Alguem me disse que não tardariam horas. Hei de mandar até o meu impedido saber se esta noite há prevenção.

DOMINGOS

Por mim não quero entrar com êle em semelhante assunto. Não há maneira de nos entendermos. Agora o cunhado, que é padrinho dêle, veja se o desvia. Se é que ainda há tempo...

CÓNEGO

Esteja descansado! Se não aparecer já, vou procurá-lo. Vai ouvi-las! Hei de lêr-lhe a cartilha!

D. CRISTINA

Que cabeça de rapaz! Falamos-lhe os dois, se êle vier...

DOMINGOS

Mais uma revolução... e dão com isto em pantana! Sei que as potências têm tudo combinado. E ainda bem... para acabar com isto duma vez... Haja ordem, venha lá donde vier!

JUSTINO

(com censura)

Oh! meu pai!...

CÓNEGO

Cale-se aí, cunhado. Lá isso não. Portugueses até à morte... (*outra idéa*) Ora os meus pecados?... E onde está a Suzana?!

D. CRISTINA

Como a pequena vai ficar! Valha-nos Deus!

JUSTINO

A Suzana, coitada, anda inquieta também...

DOMINGOS

O padrinho é que tem a culpa.

CONEGO

Ora deixe-me cá!...

JUSTINO

O Marcos foi sempre um artista, um idealista... Depois a guerra influiu muito nele. Bateu-se, foi ferido, esteve a morte. Ficou-lhe cara a cruz de guerra. Vi-o durante um mês em Ambleteuse entre a vida e a morte. E a Suzana, como durante todo aquele tempo foi a sua enfermeira...

CÓNEGO

Por mais que lhe dissesse: olha que pode faltar em toda a parte, menos no caldeiro do rancho... Mas que tinha ido voluntariamente para combater o militarismo, e não lhe ficava

bem continuar dentro da farda. E aí o teem!
É professor... ensina e préga. E agora então...
Bonita vida!...

DOMINGOS

Que um homem quisesse ir para a guerra
vá... mas uma senhora! Essa tenho-a ainda
aqui atravessada... Se não fosse o irmão ficar
lá junto do hospital... Mas foi o cunhado
quem me decidiu, o causador de que ela fosse
também como enfermeira... e do resto.

CÓNEGO

Sabe que mais?! Se a sua consciência de
cristão o aconselhasse, compreendia melhor.

DOMINGOS

Será. Mas já que estamos com a mão na
massa, deixe-me dizer-lhe tudo. Eu sei que
êles se namoram. Sei mesmo que querem casar
em breve. Pois bem, ainda que não seja preso,
se êle se mete em revoluções com a canalha,
oponho-me terminantemente a que se casem.

CÓNEGO

Cunhado, as coisas não se levam assim...

D. CRISTINA

Oh! Domingos, nesta altura?!

DOMINGOS

Tenho dito! E como êle pode aparecer por
aí, e eu não quero assistir, vou-me embora.

Além disso, tenho uma pessoa á espera. Um negócio importante... O cunhado desculpará.

CÓNEGO

Á vontade. Boa noite. Olhe lá êsses barulhos...

DOMINGOS

Boa noite. É muito perto de aqui.

D. CRISTINA

(que o acompanha até à porta)

Toma conta... É uma imprudência saires. Ao menos não te demores...

(Domingos sai.)

SCÊNA II

Os MESMOS, menos DOMINGOS

D. CRISTINA

E esta?! Ainda não estou em mim! Começo a agoirar mal de tudo isto...

CÓNEGO

Verdade, verdade...

JUSTINO

Também não gostei de ouvir estas últimas palavras a meu pai.

CÓNEGO

Convem avisar a Suzana desde já.

(Entra Suzana.)

SCÊNA III

CÓNEGO, JUSTINO, SUZANA e D. CRISTINA

CÓNEGO

Suzaninha, temos coisas muito graves a dizer-te. E preciso que tenhas ânimo para ouvi-las e para nos ajudar. Aquele Marcos...

SUZANA

(inquieta)

Mas que é?!

JUSTINO

Virá êle ainda?

SUZANA'

Prometeu-me que aparecia à noite, se não pudesse vir jantar. Mas então?!

(Um silêncio. Hesitação receosa nos três.)

CÓNEGO

Filha, tu conheces-lhe as idéas melhor do que ninguém... Emfim, é preciso dizer-to. O Marcos dirige um movimento, que sairá ao que dizem muito breve. E teu pai soube por alguém do govêrno que o desejam prender e mandar com outros para as colónias.

SUZANA

(por momentos aturdida)

O quê?! O que me diz, padrinho?! Pode lá ser?! Para as colónias?! Agora que já pensávamos no casamento! *(pausa)* Mas não! Meu pai podia exagerar. Sabem como êle detesta as idéas do Marcos.

JUSTINO

Posso afirmar-te que se prepara um movimento, e ao que parece com o auxílio dos operarios.

CONEGO

Sêja como fôr, o perigo existe. Há uma desgraça iminente sôbre o Marcos. *(Pausa)* Além disso, não te iludas. Teu pai, nessas condições, pode não ver com bons olhos o vosso casamento.

SUZANA

Meu Deus! Meu Deus! Que seria de mim?! É impossível! Padrinho, valha-nos, falemos-lhe! É nós a projectar... Eu que andava já tão satisfeita...

(Rompe a chorar.)

D. CRISTINA

(acarinhando-a)

Filha, não te aflijas... Vá... Havemos de falar-lhe todos... de arrancar-lhe a promessa... E o Justino também.

SUZANA

(limpando as lágrimas)

Oxalá que êle venha depressa. Oh! mas êle em resolvendo alguma coisa...

CÓNEGO

Não te inquietes por ora... Vamos experimentar... E, enquanto êle não vem, porque não havemos de ir até ao jardim um bocadinho?...

D. CRISTINA

Dizes bem.

JUSTINO

Eu também estou inquieto. Vou mandar o meu impedido ao quartel.

(Toca a campainha.)

CÓNEGO

Ora vamos lá, vamos lá... Anda, socega. E vem também para combinarmos...

(Saem todos para o jardim. Fica apenas Justino.)

SCENA IV

JUSTINO e o IMPEDIDO

IMPEDIDO

Pronto, meu capitão.

JUSTINO

Vais ao quartel; procuras o nosso capitão Gonçalves e perguntas de meu mandado se

esta noite há prevenção. Mas isso depressa, hein?

IMPEDIDO

Saiba o meu capitão que vou num pronto.

JUSTINO

(detendo o impedido que vai a sair)

Espera aí... Olha: o melhor... Ele que me escreva um bilhete.

SCENA V

MARCOS e JUSTINO

Marcos entra agitado. Qualquer coisa lhe toma o pensamento.

JUSTINO

(com uma ponta de censura)

Ora viva!... Trocam-se os amigos pelas conspiratas...

MARCOS

(de braços abertos)

Desculpa; foi-me impossível. Toma lá um abraço. Sabes como sou teu amigo. Mas que é isso de conspiratas?

JUSTINO

Não te faças de novas. Há coisas gravíssimas a comunicar-te. E é bem preciso que nos ouças...

MARCOS

Homem, não me metas medo. A Suzana?...

JUSTINO

Está para o jardim com a mãe e o padrinho. *(Dirige-se à porta do jardim)* Oh Suzana, Suzana!

(ouve-se fóra a voz de Suzana: «Lá vou!»)

MARCOS

E teu pai?

JUSTINO

Saiu. Que tinha um negócio importante a tratar. Ao menos bebe à minha saúde. *(Deita champanhe numa taça)*.

MARCOS

(bebendo)

Cá vai então. Muitos e que sejas feliz. Mas que há? Desembucha...

JUSTINO

Meu pai avisou o padrinho...

(Sentem-se os passos de Suzana fóra. Marcos vai a beber de novo e deixa cair a taça no momento em que entra Suzana).

SCENA VI

Os MESMOS e mais SUZANA

MARCOS

Que desastrado!

SUZANA

(detendo-se, impressionada)

Uma taça partida... É agoiro!

JUSTINO

(para Suzana)

Não faz mal. Deixa lá. Ia-lhe agora mesmo contar...

SUZANA

Não. Deixa que eu lhe direi. Vais até ao jardim? Demora um pouco o padrinho e a mamã.

JUSTINO

Sabes que o padrinho quiere falar-lhe...

SCENA VII

MARCOS e SUZANA

SUZANA

Que demora! Estava anciosa por te vêr e te avisar! Como eu sofro! Oh! a notícia que meu pai nos trouxe!...

MARCOS

Que notícia foi?!

SUZANA

Que és dirigente de um movimento revolucionário que vai sair.

MARCOS

(interrompendo)

Não é verdade.

SUZANA

Mas meu pai afirmou que te querem prender como agitador e desterrar-te com outros para as colónias.

MARCOS

(com sobresalto)

Desterrar-me?! Sim, é possível que o penssem. Ao medo que êles teem. Mas seria uma infâmia! Sei o que se prepara...

SUZANA

E então? É certo?!

MARCOS

Sim! Mais do que uma revolução, pode dar-se uma explosão de desespero. A soma pesadíssima dos êrros e dos ódios acumulados. Mas tenho eu culpa disso? É qualquer coisa, em que eu juntamente ponho esperança... e um receio terrível.

SUZANA

(com anciedade)

Mas tu, Marcos?!

MARCOS

Farei apenas o meu dever.

SUZANA

Que dever?!

MARCOS

Não largar o meu posto. (*Pausa*). Sabe-se lá o que vai suceder, desencadeada que sêja a fúria da multidão? Eu tremo. Suzana, estamos talvez em vésperas de acontecimentos muito graves. (*outro tom*) E êsses senhores pensam então...?

SUZANA

(*com grande aflição*)

Muito graves?!... E só agora me dizes isso?! Falemos claro. Tens também os teus deveres para com o amor. Porque não saís quanto antes de Lisboa? Meu pai e o padrinho teem razão. És um imprudente. Pensa: o que será de nós, se te prendem e exilam?!

MARCOS

(*tomando-lhe as mãos e aproximando-se com violência*)

Suzana, tu amas-me como dantes?

SUZANA

Se te amo?!

MARCOS

O amor deve ser uma comunhão inteira. Será tanto maior quanto reflectir as mais profundas aspirações de cada um. Bem sabes: ninguém aqui me compreende, a não ser porventura o Justino. Suzana, já pensas como êles?!

SUZANA

E tu duvidarás do meu amor?

MARCOS

Duvidar do teu amor seria duvidar de mim também. Não. Quero, sim, que voltes ás suas horas mais perfeitas. É certo que nos amávamos ha muito. Mas lembras-te, quando êle teve a sua dolorosa sagração?...

SUZANA

Se lembro?!...

MARCOS

Eu viera das trincheiras sem acôrdo, como um farrapo ensanguentado. E quando enfim, vitorioso da morte, abri os olhos e olhei, fôste tu a primeira pessoa que eu vi, sem saber sequer que tinhas ido para França. Eras tão bela, tão enternecida, tão diferente, como se eu nunca te tivera visto. Tinha medo de falar-te, de quebrar o encanto. Parecia-me que havias nascido do meu sonho, da minha vida, do meu sangue.

SUZANA

Como eu te admirei então! Queimava-me a sêde de afagar-te, de resgatar as tuas dôres...

MARCOS

E lembras-te daquela tarde... do nosso primeiro beijo?...

SUZANA

(*perturbada*)

Marcos!...

MARCOS

Eu convalescia, deitado na cadeira de encôsto, e tu conversavas ao pé no teu banquinho raso. Por entre as cortinas da janela via-se em frente a vastidão do Atlântico. Em mim crescia, afogava-me a sêde de viver. Falava-te do horror da carnificina trágica. Falava-te da vida, que era necessário tornar mais bela e mais nobre. Os teus olhos rasgados envolviam-me como uma auréola. De subito fitámo-nos, fomos um para o outro, e as nossas bôcas...

SUZANA

(queixosa e rendida)

Marcos!

(As bocas confundem-se-lhes num beijo único.)

MARCOS

Lembras-te? A sublime exaltação do amor nascia do nosso sacrificio. E foi então que nós jurámos ser um do outro e continuar o sacrificio, sempre que a beleza e a perfeição da vida o exigissem.

SUZANA

Sim, revivo tudo! Que amor! Que ventura! Mas como eu soffro agora!... E podias tu duvidar dêste amor?!

MARCOS

Não; mas quero que me ames, como naquelas horas, queimando-te na chama dêste mesmo fôgo, tão livre e tão minha, como se à tua volta nem o mundo existisse.

SUZANA

Mas se êsse é o meu maior desejo!...
(*pausa*) Dize-me: Corres um grande perigo,
não é certo?

MARCOS

Não to devo negar. Sim... é possível.

SUZANA

E porque não o evitas? Porque não sais hoje
mesmo de Lisboa?

MARCOS

Fugir?! De quê e de quem?!

SUZANA

(*com inquietação ardente*)

Mata-me a idéa de que podem prender-te e
desterrar-te. Agora que pensávamos já no
casamento... que eu me acostumara à idéa
de viver contigo!... Nem o posso imaginar!
Saber que sofrias e nem te ver ao menos! Não
poder consolar-te, dar-te o meu coração, ofere-
cer-me... (*chora*) Marcos, pensa bem. Tem
compaixão de mim.

MARCOS

(*acarinhando-a*)

Minha Suzana, sê corajosa. Sofro horrivel-
mente por ti, pela tua inquietação... mas não
me peças o impossível. O homem deve sacrifi-
car-se sempre ao dever mais alto.

SUZANA

(com decisão)

Pois que assim é, vais prometer-me: suceda o que suceder, amanhã vens pedir-me, resolver com meu pai a nossa situação. Preparemo-nos para tudo.

MARCOS

(Um momento de meditação. Com enlevo e amargura)

Renunciar a ti seria renunciar à vida. És a parte mais santa do meu sonho. És a estrela mais doce das que me alumiam, aquela em cuja palpitação eu estremeço, inquieto, a toda a hora. Mas, por isso mesmo, medita: se me prendem e exilam?...

SUZANA

Tanto pior e tanto melhor. Seguir-te-hei. Quero acompanhar-te no sacrifício.

MARCOS

Amor, terias que abandonar a vida de conforto que só teu pai te pode dar, que viver no trabalho, talvez no sofrimento.

SUZANA

(tapando-lhe a boca)

Não sejas cruel. Que maior felicidade haveria para mim do que viver junto de ti, partilhar das tuas dôres, dar-te o meu auxílio humilde?!

MARCOS

Como me sinto outro ouvindo-te! Que embriaguez de força que me toma! Ah! serei in-

vencível com o teu amôr! (*caíndo em si*) Mas tu sabes: se não falei ainda com teu pai, é porque tremo dêsse encontro. Nesta ocasião êle pode opôr-se. Abandonarás pai e mãe, diz a Biblia. Estás em verdade decidida?

SUZANA

(*depois de uma ligeira hesitação*)

Estou. (*com nova aflicção*) Eu também tenho receios. Falar-lhe hei primeiro. Sê tu prudente. Bem sabes que não aplaudo as suas idéas e até alguns dos seus actos. Mas é necessário poupá-lo. É bom pai. Foi sempre meu amigo. Seria anuviar ainda mais a nossa felicidade tomar qualquer resolução, que não fosse de comum acôrdo. Por êles, por nós mesmos, pelas nossas relações...

MARCOS

(*como quem duvida*)

De comum acôrdo? (*com revolta*) As relações!... O amôr é a única razão e sanção de si próprio. Que te importam os outros? O verdadeiro amôr habita as ilhas desertas, os grandes espaços solitários.

SUZANA

Sim, compreendo-te. Mas evitemos todas as causas de desgosto e de conflito. Não me afflijas mais. Prometes vir? Será um grande alívio para a minha aflicção.

MARCOS

Pois sêja, prometo. Mas confesso-te: agora sinto uma grande inquietação por ti. Receio

muito que teu pai se mostre irredutível. Amanhã pode começar para ti uma vida inteiramente nova. *(tomando-lhe as mãos)* Meu grande, meu doce amôr, quem sabe o que será o dia de amanhã ?!

SUZANA

Cala-te; aí veem.

SCENA VIII

MARCOS, CÓNEGO, JUSTINO, SUZANA
e D. CRISTINA

MARCOS

(indo-lhe ao encontro)

Como vai a tia? *(beija-a)* E o padrinho? Está melhor?

CÓNEGO

Outro mal me aflige mais que a falta de saúde. Temos muito que conversar.

MARCOS

(tentando brincar)

Já sei tudo. Preso, desterrado...

CÓNEGO

A Suzana já te preveniu...

D. CRISTINA

(levemente indignada)

Pois o caso desta vez não é pra brincadeiras. *(com horror)* Mas que vidros são estes?! Partiu-se alguma taça?!

JUSTINO

Foi o Marcos quando ia a beber pela minha saúde. Não tem importância.

D. CRISTINA

(afitissima)

Creço! Vidros partidos... Deus nos defenda! É agoiro, é agoiro... Vão vêr...

JUSTINO

Emquanto o mal fôr só êsse...

CÓNEGO

(entre severo e comovido)

Sim, agoiros não nos faltam desgraçadamente. Marcos, falemos sério. Sou o teu velho padrinho. Quási que fiz as vezes de teu pai. *(pausa)* Tu andas por senda errada. Tu corres um grande perigo. Vais ouvir-me e obedecer. *(a um gesto surprezo de Marcos)* Sim, obedecer-me!

MARCOS

Nunca esquecerei o que lhe devo. Não esqueça também que sou um homem livre!

CÓNEGO

Livre?! Livre para calcares aos pés todos os teus deveres de amizade, de família, até os do teu nome, da tua raça.

D. CRISTINA

(sentenciosa)

Sim, devias lembrar-te de que tens sangue fidalgo pela nossa banda, pela linha paterna.

MARCOS

(com sarcasmo e orgulho)

Bem sei; o sangue dos Cardins. Vão-me bem até as suas armas. Em campo de ouro um cardo verde. Timbre, um leão rompente com o cardo nas mãos. Mas sou bastardo. Ah! Se avaliassem o poder de revolta e de vontade livre que se contêm nesta palavra?!...

CÓNEGO

(mudando de assunto, contrariado)

Bem, bem. Não divaguemos. Não percamos de vista o nosso caso. Anuncia-se uma revolução, porventura a última e, a pior. Arvoraste num dos seus dirigentes. É forçoso que arrepies caminho. Há tempo ainda de te salvars e de nos salvarmos. Tu vais sair de Lisboa quanto antes. O tempo urge.

MARCOS

O que aí vai! Peço-lhe: não armemos ao trágico.

CÓNEGO

(irritado)

E eu peço-te que não faças galhofa.

MARCOS

(exaltando-se)

Eu não dirijo revoluções. Julga então que êste estado de revolta é obra de meia dúzia?! Estão cegos. É que se está dando em toda a terra uma grande revolução nas almas. Pela primeira vez na história uma consciêcia co-

mum anima a humanidade. E queiram ou não queiram, a vida tem que ser remodelada! Ou cuidam que podem parar a marcha do mundo com as suas mãos?!

CÓNEGO

Ora, ora... Mas cuidas tu modificá-lo com as tuas...

JUSTINO

Vocês, os poetas, sonham alto acordados. Porque te não limitas ao menos à tua arte como dantes?

CONEGO

Por certo. Êsse devia ser o teu caminho. Os artistas têm o seu dever à parte.

MARCOS

O primeiro dever de todo o artista é fazer da vida a sua maior obra de beleza. Mas de beleza natural e pura. Cerca-nos o egoísmo, a mentira e a deformação. Todavia sente-se que o mundo entrou numa hora de Génesis, que a humanidade vai exceder-se, recomeçar. Temos de regressar à inocência primitiva, à livre e clara nudez do Paraíso.

CONEGO

(num tom lamentoso e levemente sermonal)

O Paraíso foi para sempre proibido aos homens, desde o pecado original. Não fujas à questão.

MARCOS

Os homens podem resgatar êsse pecado. Temos que nos entender apenas sôbre a natureza dêle.

CONEGO

Mau! Dispensa-te de bolires com as coisas sagradas e muito menos com a Bíblia.

MARCOS

Eu não lhe nego que a Bíblia sêja um livro de génio, com a condição de o lêr para além do texto.

CÓNEGO

(com mofo)

Estás na posse do verbo revelado?

MARCOS

Porque não? Se eu atravesssei as horas da revelação... Foi em meio da guerra e do sofrimento universal que entendi a alegoria do Paraíso, que entrevi a origem do mal. Ora ouça...

CONEGO

(atalhando)

Já te disse que não mudes de conversa. Aca-bas por fazer perder-me a paciência. Tu nem pensas o perigo que corres.

MARCOS

Como quere julgar do meu procedimento, sem lhe conhecer as razões íntimas?!

CÓNEGO

Para te justificares, excusas de partir do Génesis. Passemos adiante.

MARCOS

A fôrça das minhas convicções provem exactamente de que antes de as tomar pesei a vida toda desde as suas origens.

D. CRISTINA

Se hás de para aí dizer alguma heresia é melhor calares-te.

JUSTINO

Isso também não. Deixem-no falar.

SUZANA

Fala, fala!

(O cónego encolhe os hombros, violentamente contrariado.)

MARCOS

(iluminando-se)

Ouçã e julgue-me depois. Houve um tempo em que a terra era o Eden. Os homens viviam todos livremente sob a árvore da vida, que se erguia em pleno Paraiso. Quem comesse dos seus frutos mais perfeitos, que eram o amôr, a sabedoria e a beleza, gosava no tempo efêmero o sabor da eternidade. Ela erguera-se para saciar a fome e a sêde infinita de todos os homens; e a posse em comum era a condi-

ção da permanência dêles no Paraíso das delícias. Mas alguns rezearam que a árvore ficasse despojada, se todos continuassem a provar-lhe os pomos. Proclamaram então que da árvore é que nascia o mal, rodearam-na de muralhas e perpetuaram-se lá dentro até hoje, fartando-se dos frutos deliciosos. Aos outros forçaram-nos a trabalhar e a gemer cá fóra, de encontro à terra. Fizeram dêles a raça perseguida dos escravos!

CONEGO

(*exaltado*)

Cala-te! Tu blasfemas! Não fales daquilo que nem conheces. Os homens não chegaram a comer da árvore da vida, que dava a eternidade, mas apenas da árvore da sciência do bem e do mal.

MARCOS

Essa sciência só os homens tiveram quando para guardar o bem praticaram o mal. Usurpar e oprimir os homens, eis o pecado original, que os dividiu para sempre e lhes vedou o Paraíso. A sua longa e dolorosa experiência, atravez dos séculos, acabou por lhes ensinar essa verdade. (*Com firmeza*) Chegou a hora das muralhas desabarem e de todos se acolherem de novo, livres e inocentes, sob a árvore da vida.

JUSTINO

(*abalado*)

O teu sonho é generoso, é belo, tem grandeza... Mas as muralhas são tão altas e espessas. Persegues o impossível.

MARCOS

Impossível para os fracos, os que não teem fé. Mas a humanidade começa a ter confiança

na vontade própria. As muralhas já abriram brecha. Vão desabar enfim.

CONEGO

(com solene e profunda tristeza)

O teu êrro está na tua inexperiência. Não medes a grandeza do mal. Cada um fala da feira, conforme lhe vai nela. Tentar reformar a sociedade é querer endireitar a sombra duma vara torta.

MARCOS

Creio também que a humanidade está profundamente deformada e envilecida. Mas é dêsse excesso de mal que ha de nascer o bem.

JUSTINO

Iludes-te. Os maus pesam mais que o esforço dos bons.

CÓNEGO

Chegámos ao fundo da questão. E quando o mal é sem remédio, não há senão que abdicar. Só a piedade e a renúncia podem ainda alivia-lo. Nunca a revolta. Não creias na violência. Segue-nos o exemplo.

D. CRISTINA

Sim, filho, faze como os outros.

CONEGO

E o primeiro acto da vida nova em que deves entrar é sair imediatamente de Lisboa.

JUSTINO

Hoje mesmo.

MARCOS

Chegamos de facto ao fundo da questão. Mas somos irreductíveis. (*Para Justino*) Tu és um guerreiro, que tem medo à bôa e livre guerra. O padrinho quer vencer o inimigo entregando-lhe as armas. Ora eu entendo que a liberdade e a felicidade humanas dependem simplesmente do esforço e da vontade dos homens. O meu dever, pois, é lutar através de tudo e até ao fim.

JUSTINO

Porque não saís ao menos de Lisboa?

MARCOS

Quem tem a consciência pura não foge. Não divaguemos mais. Sou inabalável.

CÓNEGO

(*após um momento de meditação, contrariado*)

Eu não queria invocar outra ordem de razões. Mas já que assim o queres, levemos a questão até ao fim. Sabes que as tuas idéas e os actos, que porventura tens em mente, merecem a mais formal reprovação do pai de Suzana. Como queres em tais condições casar com ela?! Quem te diz mesmo que êle se não oporá terminantemente?...

SUZANA

Oh padrinho!...

MARCOS

Isso depende de Suzana e de mais ninguém. Só ela tem o direito de decidir do seu destino.

SUZANA

Por muito que eu tenha de sofrer, padrinho, não quero que o meu amor desvie o Marcos do que êle julga o seu dever.

CÓNEGO

(com tristeza e indignação)

Marcos, agora o vejo claramente: a tua orgulhosa persistência acarretará desgostos muito graves dentro desta casa. Enlouqueceste?! Queres levar a guerra até ao seio da familia?! Quebrar os laços mais sagrados?! Todas as irreduzibilidades teem o seu limite.

MARCOS

Não, quando sejam em nome do dever e da verdade.

CÓNEGO

(assomado)

Agora sim, atingimos o âmago da questão. Estás de peito feito. E nesse caso, na guerra como na guerra. Arriscas a amizade daquêles que mais te querem. Assim não contes mais comigo!

SUZANA

Padrinho! São as suas idéas...

MARCOS

Ao menos resta-me uma consolação. Logrei convencel-o. *(com ironia)*. Na guerra, como na guerra...

SCENA IX

Os MESMOS e mais DOMINGOS, que entra ofegante, agitado, aflito.

D. CRISTINA

(indo-lhe ao encontro)

Como tu vens desfigurado! Eu não to dizia. Alguma foi!

SUZANA

Meu pai!... Até lhe custa respirar!...

(Marcos e Domingos cumprimentam-se friamente.)

MARCOS

Como está?

DOMINGOS

Boa noite. Ia pela rua fora com um amigo, quando começam a ouvir-se tiros sôbre tiros, verdadeiras descargas. Houve pânico, correrias, a confusão do costume...

D. CRISTINA

(aflitissima)

Outra vez! Que horror! Eu não vos disse que era agoiro?

SUZANA

(com aflição)

Que desgraça! Meu Deus!

D. CRISTINA

Já tremo toda do que vai suceder!

DOMINGOS

(continuando)

Não se viam senão grupos suspeitos, cavalaria por toda a parte, gente a fugir. Vai de mal a peor. E eu próprio tive que dar uma corrida, porque êles veem aí a subir a calçada. Ah! Não haver um govêrno forte, que esmague esta canalha brutalmente, duma vez para sempre! Infames! Como se há de trabalhar assim?!

CÓNEGO

E eu que tenho ainda de atravessar as ruas. Se já não ha respeito por ninguém!

JUSTINO

O que estranho é que ainda me não tenham chamado do quartel.

(Neste momento ouve-se, primeiro confusamente, depois aumentando pouco a pouco, o marulho da multidão em marcha. Estrugem aclamações, vivas e morras. Na sala um silêncio gelado. Justino arança e abre a porta do jardim. Logo rompe a Internacional, num côro. Todos escutam. Domingos arança também e fecha a porta furiosamente. As vozes decrescem gradualmente.)

CONEGO

Antigamente o povo, os pobres, os pèquenos ainda tinham certas virtudes cristãs: a humildade, a paciência, a resignação. Hoje é o que aí vai: a desordem à solta!

MARCOS

(que se tem contido a custo)

Resta saber apenas donde é que partiu o sinal da desordem.

DOMINGOS

(rubro de indignação)

O senhor ainda quer defender essa gentalha?! Espero que o não faça ao menos diante de mim. Não abuse mais!

MARCOS

Senhor Domingos, veja como fala.

DOMINGOS

Estou em minha casa!

MARCOS

Por isso mesmo!

DOMINGOS

E não lhe admito...

JUSTINO e SUZANA

(interpondo-se)

Meu pai! Meu pai!

D. CRISTINA

(igualmente)

Domingos! vá...

DOMINGOS

E que não posso ouvir falar assim! Um homem que ainda há pouco vestia uma farda...

CONEGO

Sim, Marcos, não vale a pena exaltarmo-nos mais. Mas tu, um soldado da Flandres, que alcançaste a tua cruz de guerra a mandar e a obedecer... Bem melhor fôra dares o exemplo do dever sereno, da disciplina inquebrantável, do que aplaudir a desordem.

MARCOS

(exaltando-se pouco a pouco)

Mas foi precisamente quando nós os debaixo nos batíamos na Flandres que aqui e em toda a parte se desencadeou a desordem vinda de cima. Nós sacrificávamos a vida, levados pelas belas palavras, — a Pátria, a Justiça, a Humanidade. E aqui os que deviam fazer o sacrificio das suas riquezas e dos seus prazeres, trataram ao contrário de atulhar os cofres de ouro, calcando aos pés todos os sentimentos, que pregam para os outros. Foram os senhores e só os senhores que desencadearam a cavalgada dos appetites. E nunca mais se detiveram. E a isso que chamam então a ordem?! Sim, não há um govêrno forte!

CONEGO

Por mim, não pretendo glória nem soffro pena: estou como no limbo. Não fui daqueles a quem a guerra desvairou. Podes apontar-me alguma coisa?

DOMINGOS

Não tenho que lhe dar satisfações. Se alguma coisa ganhei durante a guerra, foi à custa do meu trabalho.

MARCOS

Há trabalho e trabalho. Nem tudo é licito.

CÓNEGO

(atalhando)

Bem. O melhor é acabar com a conversa.

SUZANA

(repreensiva)

Marcos!

DOMINGOS

(pálido)

Quer negar porventura que só à custa do meu trabalho eu tenha enriquecido?!

MARCOS

(tentando inutilmente dominar-se)

Não quero ofendê-lo pessoalmente. Defendo-me e defendo princípios. Só é legítimo o trabalho que não ofende a liberdade alheia nem o bem da colectividade. O oiro ganho à custa da fome e do sofrimento alheios devia escaldar as mãos daqueles que o possuem. A exploração, à fraude, à especulação por todos os meios eu não chamo trabalho, chamo...

CÓNEGO

(atalhando bruscamente)

Marcos, cala-te!

DOMINGOS

(fôra de si)

Basta! Basta! O senhor é recebido aqui como familia, pretende talvez entrar para ela ainda mais... e vem insultar-me! Se continua a falar assim e a defender essa canalha, saiba que o proíbo de voltar aqui... e de pensar no resto!

MARCOS

Proíbe-me?! O senhor?!

TODOS

(interpondo-se)

Oh Marcos! Meu pai! Domingos! Ouçam!

D. CRISTINA

Mas que não podem falar doutra maneira!
Ha de sempre ser isto!

(Marcos faz semblante de se retirar indignado.)

JUSTINO

Marcos, ouve...

(Todos o deteem)

SCENA X

Os MESMOS e um SOLDADO, que entra de súbito
esbaforido

JUSTINO

Então? Que foi?! Vens assustado?!

SOLDADO

(inteiramente desorientado)

Meu capitão! É que elas assobiam às orelhas. Rebentou a revolução! Já há feridos e mortos! *(entregando uma carta)* A carta do nosso capitão.

SUZANA

(olhando Marcos, anciosa)

A revolução!

D. CRISTINA

(aflitissima, enquanto Justino lê)

Já há mortos! Senhor, eu bem dizia... O que será?!

DOMINGOS

Aí teem!

JUSTINO

(que leu de rosto sombrio)

Podes te ir embora e espera lá fóra por mim.

SCENA XI

TODOS menos o SOLDADO

(Movimento de anciedade. Todos cercam Justino.)

D. CRISTINA

Filho, que é?! Chamam-te?!

JUSTINO

(contrariado)

Sou chamado à pressa para comandar fôrças nas ruas. Tenho que ir imediatamente.

(Dá um passo para sair.)

D. CRISTINA

(pondo-se-lhe diante, bradando)

Com a revolução na rua?! Pois se já há mortos! E Deus sabe que desgraças mais estão pra acontecer! Não vás! Não vás! Não póde ser. Dá parte de doente.

JUSTINO

Minha mãe, cale-se, por favôr! É o meu dever.

DOMINGOS

(que tem passeado agitadamente, com convicção)

Sim, o teu dever é defender a ordem! *(Pausa)* Mas o caso é muito sério. Podes dar uma desculpa. Já te sacrificaste. Os outros que se arrisquem agora. Não lhe parece, cunhado?

CÓNEGO

Não digo nada. Só êle deve decidir.

JUSTINO

(nervoso)

Deus sabe quanto isto me custa... como vou contrariado... Não nasci para lutas destas. Mas...

(Faz menção de se despedir.)

MARCOS

(detendo-o e pausando as palavras)

Ouve. Se vais contrariado, não deves ir. E eu tenho motivos sérios para aconselhar-te... para pedir-te que não vás.

JUSTINO

Tu, que foste soldado, dizes-me isso?!

MARCOS

Fui soldado voluntariamente. Combati pela humanidade. Tenho-te aconselhado muita vez a que deixes êsse logar. Vais para uma luta civil. Se amanhã me tiveres pela frente, tens a fôrça moral para matar-me?

JUSTINO

São casos tão excepcionais que não servem de razão. Sou um instrumento. Ordenam: Obedeço. É o meu dever.

MARCOS

Só obedecem assim aos outros, os que não sabem obedecer a si próprios. O que deves é obedecer à consciência. E tu vais contra ela.

JUSTINO

Mas toda a gente diria que eu tivera medo.

MARCOS

E tens: um medo terrível da opinião alheia.

JUSTINO

(frio e irónico)

Estás então no segrêdo dos deuses. A coisa desta vez vai ser falada. Mas tu não deixas também de correr grande perigo.

MARCOS

Corremos todos. Porventura dentro de algumas horas vai o destino empolgar-nos.

D. CRISTINA

(com desespero)

Filho, meu filho! É certo. O meu coração adivinha desgraça!

SUZANA

O Marcos tem razão. *(para Marcos, ansiosa)* E tu?!

JUSTINO

Sim, por que não sais tu então de Lisboa?

MARCOS

Quem tem uma missão, nunca recua. O teu caso é diferente. Vais por fraqueza, sem convicção, como um mercenário. E daqui por diante os caminhos separam-se. Tu não imaginas o que vai dar-se! Devo dizer-te tudo. Póde ser hoje a ultima vez em que nos possamos apertar as mãos com leal amizade.

JUSTINO

Acabas de pôr sôbre a minha vontade successivamente uma suspeita e uma ameaça. Já resolvi. Irei.

MARCOS

(com tristeza)

Iremos ambos.

(Movimento de despedida. Justino beija a mãe e o pai. Marcos beija também a tia).

D. CRISTINA

Valha-nos o Senhor! O que vai suceder!
(chora) Deus vos proteja.

SUZANA

Que aflição! Que tormento!

DOMINGOS

(para Marcos, ameaçador)

Pense bem o senhor no que vai fazer...

JUSTINO

(estendendo-lhe a mão friamente)

É cêdo para voltares ao Paraíso, Marcos.

MARCOS

(ao apertar-lhe a mão)

Oxalá não seja tarde para lhe ficares de sentinela à porta.

CAI O PANO

ACTO II

O mesmo scenário que no acto precedente. É ao lusco-fusco da tarde. Ao longe, divisa-se pelas portas do fundo, entreabertas, um pedaço do Tejo e da Lisboa marginal. Um grande clarão de incêndio nimba todo o horizonte. A luz avermelhada invade a sala e tinge as coisas e as figuras frouxamente.

SCENA I

SUZANA e D. CRISTINA

SUZANA

(Pálida e fremente de angústia, entra e dirige-se apressada para a porta do fundo. Recua horrorizada.)

D. CRISTINA

(que entra pouco depois, com anciedade)

E então?! Nada ainda?!

SUZANA

Nada. Continuam a ouvir-se os tiros. E os incêndios na mesma! Toda a noite e todo o dia a arder!

D. CRISTINA
(*persignando-se*)

Destroem a cidade! É castigo de Deus!

SUZANA
(*apontando, a tremer*)

Veja: há gente que foge ao longe...

D. CRISTINA

Que dia! Que angústias! O teu pai sem voltar!...

SUZANA

Êles todos lá por fora!

D. CRISTINA

E o Justino?! Virgem Santíssima, pelas vossas dôres de mãe, misericórdia!

SUZANA

E o Marcos?! Talvez a esta hora na luta. Quem me dera cá o pai. Como êle tarda!

D. CRISTINA

Daqui ao ministério a distância é pequena. E êle foi de automóvel. Oxalá não lhe aconteça mal!

SUZANA

Deus o traga depressa!

SCENA II

Os MESMOS e JUSTINO, que entra de corrida e fala numa grande agitação. Não obstante querer aparentar serenidade, sente-se através das palavras que está apreensivo, contrariado, irresoluto.

D. CRISTINA

(num grito)

Filho!

SUZANA

Justino!

D. CRISTINA

Já não voltas?

JUSTINO

(abraçando e beijando a mãe e a irmã precipitadamente)

Venho num relâmpago ve-los e abraçá-los. Passei por aqui com o meu esquadrão e subi. Mas tenho que ir imediatamente. *(Faz menção de sair)*.

D. CRISTINA

Espera, pelo amor de Deus... Onde tens estado? Para onde vais agora?

JUSTINO

Passei a noite em claro no quartel. *(hesitante)* Tenho andado hoje e vou por essas ruas... a prevenir... a dispersar os grupos. E o pai? Onde está ele?

SUZANA

Saiu. O ministro do interior chamou-o pelo telefone. Por causa do Marcos, talvez. Não sabes tu por acaso de alguma coisa?...

JUSTINO

Não. Nada.

(Faz novamente menção de sair)

D. CRISTINA

(detendo-o)

Justino, a luta ainda não acabou. Daquí ouvem-se os tiros. Que vai ser de ti? Eu tremo toda...

SUZANA

(retendo-o igualmente)

Espera. E quem vence?

JUSTINO

O govêrno, é claro. O movimento está quasi sufocado. Mas tem sido um horror! As mortes... a destruição!... *(apontando)* Só para além se luta ainda furiosamente. E uma loucura. Não podem resistir. Há pontos onde se deram verdadeiras batalhas. Adeus! *(tem uma hesitação)* Eu não sou para estas lutas! Tudo isto me custa... me custa terrivelmente...

D. CRISTINA

(agarrando-se-lhe)

Mas tu já não corres perigo, filho?

JUSTINO

(hesitante)

Não... não...

D. CRISTINA

Tu escondes-me a verdade. Diz-me o coração. Eu sei...

JUSTINO

Que idéa! Se eu lhe digo que não...

D. CRISTINA

Ai! Filho! Filho! Que martírio! Se tu souesses como eu fico!

JUSTINO

(tentando esconder a comoção)

Socegue, minha querida mãe... minha mãizinha! Não posso demorar-me *(desprendendo-se-lhe)* Adeus! *(abraça também Suzana)* Adeus... *(parte a correr pela porta da direita).*

SCENA III

D. CRISTINA e SUZANA

D. CRISTINA

(chorosa)

Nossa Senhora te acompanhe! Meu pobre filho! *(chora)*

SUZANA

Socegue, minha mãe.

D. CRISTINA

Como hei de eu socegar?!

SUZANA

E o meu pai sem vir! O ministro que o chamou, por coisa muito grave será.

D. CRISTINA

Talvez não.

SUZANA

Ia jurar que é por causa do Marcos.

SCENA IV

Os MESMOS e DOMINGOS, que entra esbaforido pela porta do jardim.

(procurando em torno com o olhar, logo desiludido)

Mas então o Justino?! Que estava cá!...

D. CRISTINA

Esteve.

SUZANA

Quem lho disse?

DOMINGOS

O tenente do esquadrão que estava lá em baixo.

D. CRISTINA

Saiu agora mesmo... vai aí.

DOMINGOS

(vai a correr para a porta mas detém-se ouvindo o tropear de cavalos que se afastam)

Lá parte! Já o não posso ver... e agora,

que corre tão grande perigo. (*com aflição*) Ah! que se eu ontem tivesse imaginado!...

D. CRISTINA
(*com sobresalto*)

Que dizes tu?! Ainda agora nos afirmou que já não corria perigo!...

DOMINGOS

Como?! Disse-mo o tenente. Vão de reforço para além.

D. CRISTINA

Onde se luta furiosamente, disse êle! (*bradando*) Meu filho! Não me quiz dizer nada para não me afligir! (*chora alto*) Meu filho!

SUZANA

Não se aflija mamã! (*Pausa; olha com ansiedade o pai que passeia agitado*) E então, papá, o ministro?

DOMINGOS
(*com surda irritação*)

O ministro foi duma correcção!... Se fosse outro... Eu não vos quiz dizer, mas logo supús do que se tratava.

SUZANA
(*impaciente*)

Mas diga!

D. CRISTINA

O que foi?!

DOMINGOS

Ora o que havia de ser. Não querem acreditar. O tal movimento está quasi de todo sufocado. Mas nos pontos onde os revoltosos chegaram a dominar foi uma destruição : houve assaltos, incêndios, mortes. Para acolá ainda há depósitos a arder.

SUZANA

E o resto, meu pai ?!

D. CRISTINA

Acaba !

DOMINGOS

A repressão agora vai ser terrível. E o Marcos está para ser preso, se é que o não foi ainda.

SUZANA

Não pode ser !

D. CRISTINA

Faltava-nos mais essa !

SUZANA

Mas tem a certeza ?! Foi êle que lhe disse ?!

DOMINGOS

Sim, o ministro disse-me que êle não seria um dirigente revolucionário, mas um agitador, tanto ou mais perigoso e responsável do que os outros. Que resolvera mandar prendê-lo,

mas quisera ter uma atenção comigo, visto êle ser meu parente. Se eu achava justo que, depois disto, êle continuasse à solta...

SUZANA

E o papá que respondeu ?

DOMINGOS

(irritado)

Que já por mais de uma vez tentára desviá-lo do êrro mas sem resultado. Lavava daí as minhas mãos. Agradecia a sua atenção, mas não podia impedir o govêrno de fazer justiça e velar pela ordem.

SUZANA

(com espanto, indignada)

O que o papá foi fazer! Entregá-lo! Consentiu! *(com revolta)* Isso não pode ser. Temos de o salvar!

DOMINGOS

De o salvar ?!

SUZANA

Se ainda não estava preso, quando falou com o ministro, é quasi certo que ainda não esteja. Prometeu-me vir cá hoje. Não tarda; ia jurar.

DOMINGOS

E que vem êle fazer aqui nesta ocasião e depois do que ontem se passou ?!

SUZANA

(embaraçada)

Tencionava dizer-lho hoje de manhã. Mas quando ia para falar-lhe, o ministro chamou-o pelo telefone. A mamã já sabe. Disse-lhe ontem.

D. CRISTINA

Fala, fala tu.

SUZANA

(com súbita decisão)

Sim; é necessário dizer-lhe tudo. Bem sabe que eu e o Marcos de há muito nos amamos.

DOMINGOS

(irritado)

Sim...

SUZANA

Ontem, com receio de tudo isto e até para o desviar insisti com êle para que viesse hoje sem falta decidir a nossa situação... Fui eu que o resolvi. E êle vem... pedir-me.

DOMINGOS

Pedir-te?! Enlouqueceram um e outro. Dêle não me espanto, mas tu?! É de perder a cabeça... Não ouviste o que eu lhe disse? Numa ocasião destas?! Em plena revolução!

SUZANA

(internecida)

Pelo amor de Deus! Dirijo-me ao seu cora-

ção de pai. Peça-lhe. Imploro-lhe. Eu amo Marcos. Salvá-lo é salvar-me a mim também.

D. CRISTINA

(torturada)

Domingos, a rapariga tem razão. Sou também tia dêle. Basta o que sofro já pelo Justino. Não me amargures mais!

DOMINGOS

Também tu! Tinha que vêr! Vem talvez de atihar o incêndio! Vem talvez com as mãos tintas de sangue, pedir-te e pedir que o salvem! Não! Nunca!

SUZANA

Meu pai, pode comprometer para sempre a minha felicidade!...

DOMINGOS

Ao contrário, defendo-a. É para teu bem que me oponho terminantemente.

SUZANA

(com revolta)

Por amor de tudo lhe rogo: meça o que faz! Seria horrível! Sei qual é o meu dever... Eu também tenho vontade.

DOMINGOS

Basta! És minha filha! Ninguém melhor do que eu sabe o que convem à tua felicidade.

Acabaram-se as discussões. E tu, Cristina, já sabes a minha opinião!

(Entra arrebatadamente para o escritório).

SCENA V

SUZANA e D. CRISTINA

SUZANA

(com desespero)

Minha mãe, veja se o demove... ou então... não sei, não sei... será uma desgraça para todos nós!

D. CRISTINA

Tu não sabes como teu pai é?! Eu toda a vida tenho sido uma escrava. Tem dó de mim! Nem me sinto: sou um corpo sem alma!

SUZANA

E o tempo passa... Que suplício! Estou a vê-lo chegar de um instante para o outro. Minha mãe, estou resolvida a tudo.

SCENA VI

Os MESMOS e o CÓNEGO

SUZANA

(indo-lhe ao encontro)

Foi Deus que o trouxe nesta hora! Só o padrinho poderá salvar... Ouça-me depressa.

CÓNEGO

(afliço)

Que há?! Mais alguma coisa?!

D. CRISTINA

Que aflições! Imagina que o Justino passou há pouco aqui em direcção ao lugar onde se luta ainda.

SUZANA

E o Marcos vai ser preso. O ministro chamou o papá para dizer-lho.

CÓNEGO

Isso era de esperar... E êsse pobre Justino!...

SUZANA

(anciosa)

Mas ouça... o Marcos vem cá hoje. Deve estar a chegar. Vinha pedir-me. E o papá não só não quer ouvir falar em tal, como não quer também salvá-lo.

CÓNEGO

Vocês bem podiam ter escolhido ocasião melhor. Lindo dia! (*severo*) Lindo espectáculo!... Ai está o resultado. Eu calculo como teu pai há de estar... e tu não te lembras do que eu ontem mesmo lhe disse aqui? Do que entre nós se passou?!

SUZANA

Padrinho! Padrinho! Eu apelo para a sua bondade. Esqueça tudo. Somos seus afilhados.

A ocasião?! Mas é por isso mesmo. Sei lá o que lhe vai acontecer. Pois havemos de abandoná-lo todos?! Valha-nos! Está na sua mão. e a nossa felicidade perdida, despedaçada... (*chora*) e ninguém se importa!...

CÓNEGO

(*depois de meditar, comovido*)

Valha-nos Deus, filha! O que se havia de juntar num dia dêstes! E falaram ambas a teu pai?

D. CRISTINA

Falámos... falou ela... Eu nem tenho cabeça para nada.

CÓNEGO

E que queres tu que eu te faça? Quando Deus não quiere, santos não rogam.

SUZANA

(*com revolta*)

Seja. Mas o padrinho já me conhece bem. Não recuarei perante a minha obrigação. Quanto mais os outros o abandonarem, mais eu lhe serei fiel.

D. CRISTINA

(*para Suzana*)

Cala-te, filha! (*para o Cónego*) Se tu lhe falasses... Quem sabe! Êle acata muito a tua opinião.

SUZANA

(*juntando as mãos, desesperadamente*)

Padrinho, êle vai chegar... Êle vem aí...

Entre êle e meu pai não sei o que farei. Evite uma desgraça.

CONEGO

Pois seja, falarei. Tudo por causa daquela má cabeça.

SUZANA

(beijando-lhe as mãos)

Deus lhe pague. Mas depressa! Quanto antes! Já! O Marcos pode chegar dum momento para o outro. *(sentem-se passos dentro do escritório)* O papá... Deixo-os... Lembre-se de nós... *(sai precipitadamente pela esquerda)*

SCENA VII

CÓNEGO, DOMINGOS e D. CRISTINA

DOMINGOS

(nervoso e indignado)

Cunhado... *(apertam as mãos)* Quem nos diria que havíamos de chegar a isto... Os bandidos! Para o que estávamos guardados!... Uma grande parte da cidade destruída!... E agora... Já o informaram com certeza... Esse senhor prègou a desordem, ateou a fogueira, ajudou a destruir, a roubar, a assassinar... e no fim vem pedir a Suzana em casamento! E a sua irmã ainda pretende auxiliá-lo! Hein?! Pois que venha, fica o caso arrumado para sempre.

CONEGO

Quem lhe diz que o ministro o não chamou para lhe dar tempo a que o prevenisse e êle se afastasse daqui? Ele não pode supôr que a sua intransigência vá até ao ponto de abando-

nar um parente, quási um filho. Não lhe quer dar fuga? Já mediu todas as consequências da sua resolução?

DOMINGOS

Que quer dizer com isso?

CÓNEGO

Nas ocasiões do perigo, dos infortúnios, até dos desvios morais é que temos obrigação de valer aos nossos. Abandonar o rapaz ficaria-lhe mal, perante toda a gente e muito mais perante a sua própria família. Lembre-se disto.

DOMINGOS

Ficava-me bem talvez que amanhã se dissesse na praça que *eu* dera fuga a um agitador, a um inimigo?! Sim, por que êle é nosso inimigo. Muito obrigado pelo seu conselho!...

CÓNEGO

Não sei o que a praça pensaria. Sei como haviam de julgá-lo as pessoas de coração e de honra.

D. CRISTINA

É o que eu digo...

CÓNEGO

Sei como eu próprio também o julgaria.

DOMINGOS

(cedendo, hesitante)

Supunhamos. Isso ainda era o menos... Contanto que ninguém soubesse... Está aí o automóvel.

CÓNEGO

Era fácilimo levá-lo disfarçado para a sua quinta de Vila Flôr, a que o ano passado comprou. E' ao pé da raia, não é certo?

D. CRISTINA

E' sim. (*para Domingos*) Aqui tens uma boa lembrança. Lá ficava êle seguro. Se fosse necessário, a dois passos estava na Espanha... Combinemos depressa.

DOMINGOS

Sim, mas o casamento?! Julgam que vou consentir em semelhante loucura?! Hoje... agora... que estou daqui a ver a obra dêle!

CÓNEGO

Não percamos tempo, senhor Domingos. Vai jogar para sempre o socêgo desta casa. Não tenha ilusões. Porventura crê que ela desista só por lhe obedecer?

DOMINGOS

Eu saberia nesse caso o que haveria a fazer.

CÓNEGO

Metia-a num convento? Já os não há. E os pais tiranos fizeram a sua época.

DOMINGOS

(*desesperado*)

Aconselha-me então a que entregue a minha filha a um doido, a um incendiário, a um cri-

minoso, que pode estar numa prisão a estas horas?! Ou defende as idéas d'êle também?!

CÓNEGO

(*erguendo-se, solene*)

Entendamo-nos. Se o não defendo a êle, também o não defendo a si. Vamos depressa ao caso. O senhor, há certo tempo para cá, mudou. Há muito que eu, tinha a obrigação de lho dizer. O dinheiro embriagou-o, endureceu-lhe o coração. Nem o deixa sentir. (*a um gesto de Domingos*) Não se espante. Eu não julgo as almas apenas através da rótula do confessor-nário. Apontou-me o incêndio? Pois bem: faça o seu exame de consciência. Os senhores também teem culpa.

DOMINGOS

Quem? Eu?!

CÓNEGO

Sim, deitaram lenha na fogueira. Ganhar, ganhar, arrecadar, seja como fôr... e mais nada. Nem religião, nem patriotismo, nem caridade, nada os detém. É para quê? Se o dinheiro nas suas mãos é apenas um instrumento de egoismo e de vaidade?! Os senhores provocaram o mal. Deram aos de baixo os peores exemplos.

DOMINGOS

Acusa-me?! Faço apenas o que toda a gente faz ou faria no meu lugar.

CÓNEGO

Sim, acuso. É o meu dever e detenha-se a tempo, antes que outros o acusem. O senhor está cego: não mede o abismo que está cavando aos pés. Sua filha já pertence pelo coração a Marcos. Evite que lhe pertença também pelo pensamento. As mulheres vivem mais do sentimento do que das idéas. Mas quando chegam a compreender, ninguém, como elas, as encarna. Guarde-se que as idéas do Marcos conquistem inteiramente sua filha. Nem se esqueça de que o Justino poderia não gostar também. Uma injustiça, um acto cruel da sua parte pode comprometê-lo para sempre aos olhos dos seus.

DOMINGOS

(fraquejando)

Noutra ocasião qualquer... enfim, não digo... Mas agora?! Não... não me convencem... Era preciso que eu enlouquecesse.

CÓNEGO

(serenando)

Até nisso se engana. Este é o melhor ensejo. Ele atravessa as horas decisivas em que as almas se transformam. Ha de ter o animo quebrado e disposto a ceder. Resta que o cunhado saiba fazer o mesmo. (*bondoso*) Vá, vá... sacrifique alguma coisa de si próprio. Sou eu que lhe aconselho essa penitência. Seja nobre, generoso... Saiba evitar os sacrificios maiores que o ameaçam.

D. CRISTINA

Não desafies o Senhor! Lembra-te do nosso filho!

DOMINGOS

(debatendo-se consigo próprio)

Sim, o Justino... a Suzana... Eu sinto o perigo. Mas não vê o sacrificio que me impõe!... Meter na família uma criatura com aquelas idéas!... Ainda se êle ao menos quizesse mudar de vida... Se houvesse maneira de conciliar as coisas...

CÓNEGO

Resolva-se. O tempo passa. Trata-se também do seu proveito. Uma hesitação pode perdê-lo a êle... e a si. Ele é inteligente, enérgico... trabalhador, não lhe faltam simpatias.

DOMINGOS

Simpatias só entre os operarios. Lá isso! *(Para de subito meditando. Anima-se; tem um clarão na face)* Mas esperem. Havia talvez uma maneira. Se êle quizesse...

CONEGO

Diga lá.

D. CRISTINA

Pois não há de querer?!...

DOMINGOS

(misterioso, amadurecendo a idéa, consigo mesmo)

Sim, quere... Aceita com certeza. A não ser... Não, não... Se eu os entendo a todos melhor do que ninguém. *(para o Cónego)* De acordo. Pode ser proveitoso para mim.

CÓNEGO

Bem. Oxalá que êle venha. Mas diga lá.

DOMINGOS

Ora eu lhe conto. O Marcos... Não. Esperem. Deixe o caso comigo. Isto demanda muito tacto. O senhor e a Cristina ainda podiam estragar-me o plano.

CONEGO

Tudo está em saber levá-lo, não lhe ofender as idéas...

DOMINGOS

Deixe-me cá... Isso lá de idéas... Eu bem sei onde está a questão.

CÓNEGO

Mas por que não nos há de confiar...? Parecia-me prudente...

DOMINGOS

(um pouco melindrado)

O cunhado está sempre de pé atrás. Parece que duvida da minha intelligência e prática da vida...

CONEGO

Não. Isso não. Está então certo? Tem toda a confiança?

DOMINGOS

Se tenho!

CONEGO

E a fuga?

DOMINGOS

Ah! sim, espere... É tal a minha certeza que vou dar ordens nesse sentido. Deve estar tudo preparado. Vou aqui à *garage* e venho já.

(Sai pela porta do jardim.)

SCENA VIII

CÓNEGO e D. CRISTINA

CÓNEGO

Cedeu mais depressa do que eu julgava.

D. CRISTINA

Mais cuidado me dá agora o meu pobre filho. Nossa Senhora se amerceie de nós!

CÓNEGO

Deus queira que isto ao menos possa terminar em bem.

D. CRISTINA

O quê? Do Marcos?! Pois não ha de terminar? O Domingos mudou inteiramente com o que tu agora lhe disseste...

CÓNEGO

Se ambos fôrem prudentes... Mas eu sei lá...

D. CRISTINA

Ái! o Justino! Mata-me esta inquietação! São

anos de vida! Eu logo vi... Aquela taça ontem...

(Chora silenciosamente.)

CÓNEGO

Não sejas assim... Socega. Deus ha de protegê-lo. O Justino é trigo sem joio. Não ha de tardar aí.

D. CRISTINA

Não me quis dizer nada. Que coração aquele!...

SCENA IX

Os MESMOS e mais DOMINGOS

DOMINGOS

Está o caso arrumado. E agora o cunhado desculpará. Mas como não posso sair de casa, quero escrever e enviar ao seu destino duas cartas de uma grande importância.

CÓNEGO

Á vontade. Eu também pouco me demoro. Estou em cuidado. Quero ir a casa.

*(Domingos entra pela porta do escritório.
Logo a seguir entra Suzana.)*

SCENA X

Os MESMOS e SUZANA

SUZANA

(inquieta)

Padrinho, e então? Que se passou?!

CÓNEGO

Tudo acabou em bem. Ou antes tudo se arranja... com um bocadinho de prudência.

SUZANA

(incrédula)

Mamã, é certo?!

D. CRISTINA

É sim, filha. Bem lho podes agradecer. Tu que conheces o teu pai. Para o convencer...

SUZANA

(abraçando e beijando o cônego)

Meu querido padrinho, como eu lhe estou reconhecida! Mas diga, que resolveram?

CÓNEGO

Já to digo. O que mais importa é que aconselhes o Marcos a ser prudente.

SUZANA

Assim êle venha! *(chegando às portas do fundo)* Ainda se ouvem tiros! O incêndio não acaba mais.

SCENA XI

Os MESMOS e MARCOS, que entra como se viesse perseguido, fato roto e manchado, cabelo em desalinho, o desespero e o pasmo no olhar.

SUZANA

(indo-lhe ao encontro. com grande alvoroço)

Ainda bem que vieste! Mal tu sabes! Mas que tens?! Como tu vens!

MARCOS

(*Senta-se ofegante. Passa as mãos pelos olhos. Tem um gesto silencioso de horror e de revolta. Depois um grande desalento.*)

CONEGO

Que foi?!

SUZANA e D. CRISTINA

Fala!

CONEGO

Donde vens?

MARCOS

(*com desespero, raiva, horror, halucinadamente*)

Venho do inferno! Do incêndio e do saque! De ver a besta humana à solta! (*pausa*) Lançaram fogo aos palácios, aos depósitos, às casas! E foi para isto que eu lutei! Acabou-se! Assim o quiseram! Eu nunca vi a multidão assim. Uma torrente de ferocidade desprendeuse de súbito e varrêu a cidade. Eram cáfilas de lobos acosados. Saquearam, destruíram, mataram, sem um fim, sem uma razão, só pelo gosto de destruir e de matar... Cem vezes me interpôs! Protestei. Quiz demovê-los. E, a cada vez que lhes falei de generosidade e de ideal, fui vaiado, cuspidado, maltratado. Vieram os outros; fui também acossado. Os que eu defendia e os que atacava uniram-se contra mim. E tive que fugir! Ainda sinto vergonha de mim próprio! E horror! Horror de mim, dos homens, de tudo. Fugi para não matar! (*Tem um gesto de perseguido*) E quem?! Como tudo isto pode acontecer!

D. CRISTINA

(sobresaltada)

Para matar?! Quem?!

MARCOS

Para matar ou não ser morto... Pobre
dêle! Onde havia de ir ter!

D. CRISTINA

Acaba! Por Deus, quem é?!

MARCOS

Quem havia de ser? Foi o mais horrível!
Que eu nem sei bem como isto aconteceu...
(recordando-se) Um soldado que acutilava
uma mulher. Alguns homens do povo protes-
taram. Protestei também. A cavalaria veio e
carregou. Trocaram-se tiros. De repente, um
esquadrão que chega, e à frente, a comandar,
vinha o Justino!

D. CRISTINA

(num grito)

O meu filho!

MARCOS

Vi-o. Trazia a face contraída de raiva. Esti-
vemos frente a frente e de pistola em punho.
Trocámos um olhar de cólera. Dois irmãos!...
Alguém se meteu de permeio. Tive horror e
fugi!... Fugi!...

D. CRISTINA

O meu pobre filho! O que vai ser d'ê! Podem matá-lo!

(*chora*)

CÓNEGO

(*falando ao mesmo tempo para Marcos e D. Cristina*)

Fizeste bem. Antes isso! Socega. Deus não ha de permitir que lhe aconteça mal. Sim, antes fugir.

D. CRISTINA

Dize: e êle? Onde está?!

MARCOS

Ficou lá, a lutar... naquele horror!

D. CRISTINA

(*bradando*)

A lutar! Virgem Santíssima, valei-me! O meu filho! Deixem-me ir rezar por êle!

(*Sáí.*)

MARCOS

Até os irmãos! Estou a vê-lo! Quem me dera fugir para bem longe!

SUZANA

(*com receio e piedade*)

Marcos, é preciso dizer-to. Sabes que o movimento está quasi sufocado!

MARCOS

Sei. Tudo perdido... Traições, misérias, cobardias... Por fim até eu fugi!

(Cái prostrado numa cadeira e esconde o rosto entre as mãos.)

SUZANA

(após um silencio, carinhosa)

E do perigo que corres, sabes?! *(a um gesto interrogativo de Marcos)* É preciso que o saibas imediatamente. Cobra ânimo. Andam à tua busca para prender-te. O ministro chamou o papá para lho comunicar.

MARCOS

Que me importa? Se soubesses como tenho a alma!... Se não fôsses tu...

SUZANA

Marcos, tratemos de ti agora.

MARCOS

(como quem volta a si dum pesadêlo)

O ministro chamou teu pai... Oh! mas êle se me vê aqui! Eu vim apenas por que te havia prometido ontem. Parto já, antes que êle apareça.

(Faz menção de sair.)

SUZANA

(detendo-o, com aflição)

Pára. Enganas-te. O papá já sabe que vens falar com êle, e concorda.

MARCOS

(com grande pasmo)

Sabe ao que venho e concorda! (*sinal afirmativo de Suzana*) Havendo ordem de prisão contra mim?! Não posso compreender!

SUZANA

la dizer-to. É que já está combinado dar-te fuga daqui mesmo.

CÓNEGO

O automovel está preparado para te levar à Quinta de Vila Flôr.

MARCOS

(subindo de pasmo)

E foste tu que falaste a teu pai?! E êle não resistiu?!

SUZANA

(embaraçada)

Sim... Mas quem o resolveu foi o padrinho.

CÓNEGO

Não é bem assim. Pequenas divergências... Mas está tudo resolvido. Agora é falarem quanto antes. Êle deseja apenas combinar contigo...

MARCOS

O quê?!

CÓNEGO

Não sei bem. Não mo disse. Sê tu prudente. Vais decidir da tua vida. Mais do que da tua vida. Deves entrar em ti. (*Pausa*) E agora serena um pouco. Tenho que te dizer alguma coisa.

MARCOS

(aturdido)

Pasmo do que me contam. Diga, diga tudo.

CÓNEGO

Sim devo dizer-te algumas rápidas palavras. Falo-te sem resentimento. Compreendo quanto sofres. Sou o primeiro a respeitar a tua nobre dôr. Mas há palavras que só em certas horas teem a sua eloquência decisiva. Seria atraiçoar a minha missão, se não aproveitasse êste dia terrível, a tua dôr, esta luz de loucura e assoção para me dirigir à tua consciência. Marcos, as palavras truculentas é que fizeram dos homens feras. Só o amôr e a piedade redimem. Aí tens como as turbas, sem uma profunda educação moral, podem compreender os seus direitos.

MARCOS

(contrito)

Eu nunca imaginára isto!

CÓNEGO

Uma cidade a arder! Amanhã há apenas mais fome e mais miseria! Bem vêes: não vale

a pena prégar o assalto às muralhas que cercam a árvore da vida, para afinal de contas... a fazer secar!

MARCOS

O que me revolta é a falta de nobreza e de ideal, de parte a parte. Contra o mal fez-se a propaganda do próprio mal. A exploração e à crueldade de uns opôs-se um ideal igualmente feroz e egoísta. Mas quantas vezes eu próprio me revoltei contra isto!

CÓNEGO

Não quizeste dar ouvidos... Não quiseste dar ouvidos...

MARCOS

(com desesperada amargura)

Poupe-me! Deixe-me com a minha dôr! Lembre-se que eu, o idealista, fui batido e escorraçado por aquêles mesmos para quem sonhara uma vida de beleza fraterna. Em poucas horas o mundo em que eu vivia foi varrido. Feriram-me na alma!... Mancharam a minha fé!... Aonde está então a vida que eu sonhára?!

SUZANA

Talvez em ti apenas...

MARCOS

Sim, dize tu ao menos que acreditas em mim. Ampara-me! Dá-me uma certeza! Socorre-me!

*(Verga a cabeça e esconde a face entre as mãos.
Tem um soluço rouco.)*

CONEGO

A tua dôr é salutar. Bemaventurado o homem, a quem Deus corrige. E agora deixo-vos sós. Adeus.

SCENA XII

MARCOS e SUZANA

SUZANA

(tomando-lhe a face, num frenesim, com lágrimas na voz)

Amôr, amôr querido, como estás amargurado! Vem... Toma o meu coração! Sim, eu creio em ti! Que te importam os outros? Quero-te. Sou tua! Não, não serás preso. Vamos todos salvar-te.

MARCOS

Salvar-me! Quando tudo se perdeu!

SUZANA

Marcos, tu... o forte!... vá... não desesperes... Readquire a tua força... Vamos salvar-te...

MARCOS

(desesperadamente)

Salvar-me?! Para quê?! Pois tu não sabes o que eu vi pela primeira vez?! Dir-se-hia que dentro de cada homem ruge uma fera aprisionada, à espera de que a soltem para poder faltar-se. Serão então iguais dum lado e doutro?! Haverá qualquer coisa de irredutível no mal humano?! Isto sim que me amarfanha e

me desilude o coração! O meu caso... Fui vencido... Vou ser preso... Pouco importa. É na minha confiança no homem que eu me sinto derrotado.

SUZANA

(louca de aflição, lutando com o desânimo de Marcos)

Ser preso? Nunca! Ouve. Não há tempo a perder. Chegou a hora de te dominares. Pensa em mim. Vai decidir-se o nosso destino. Socega. Pelo nosso amôr te rogo. Sê calmo, sê prudente. Falas com o papá e depois... bem me custa... mas tens que partir para Vila Flôr.

MARCOS

(que reage e recobra pouco a pouco a energia, com revolta)

Fugir! Fugir de novo?! Mas porquê, santo Deus?! Não. Não fugirei. Basta de misérias!

SUZANA

Marcos, que me torturas! Despedaças-me o coração! Pelo nosso amor! Vai o pai chegar. Não pensas na amargura que seria para mim, vêr-te preso, exilado talvez... Pois se tu perdeste toda a esperança... Se agora é tudo inútil...

MARCOS

Se o sonho porque eu luto existe em mim apenas, mais razão para o conservar isento e puro. Ainda que eu tenha de ser o primeiro e único homem nêsse novo mundo, nessa nova vida, que adivinho! *(Pausa. Reflecte)* Por isso mesmo tenho que ser perseguido e escorraçado. Devo aceitar a minha missão até ao fim. Sim,

porque eu não creio que o teu pai ceda. Conheço-o. Sômos de raças diferentes. Estão todos iludidos.

SUZANA

Marcos, és injusto. Enganas-te. Matas-me!

MARCOS

Teu pai é dos que seguem no seu caminho, calcando tudo aos pés, sem recuar. Hoje mais do que nunca eu estou para êle fóra da lei. Só me pôde aceitar, ditando as condições que se impõem aos vencidos.

SUZANA

O padrinho resolveu tudo. Tenho a certeza. Não digas isso! Tu desesperas-me! Enlouqueces-me!

MARCOS

(com tristeza)

Desgraçadamente nem teu pai, nem o padrinho, nem tu própria talvez compreenderam ainda. O conflito que existe entre mim e teu pai não é dos que possam terminar por um acôrdo. Suzana, vai soar a hora terrível. Para nós dois, — sinto-o mais do que nunca, há um único caminho. Teu pai há de querer forçar-me a capitular. Inutilmente. Lembras-te?! Ontem perguntei-te se estavas decidida a tudo. Sim, chegou a hora. E ou tu resistes com toda a tua coragem...

SUZANA

Cala-te, por Deus! Martirizas-me! Endoideço! Eu que estava já quasi resignada... *(chora)*

Mas que sabes tu para agoirar tão mal das suas intenções?!

MARCOS

Minha pobre Suzana, meu amôr estremecido, prepara-te! Sê forte! digo-te eu agora. O que eu sei?! Apenas isto: conheço-me e conheço-o a êle.

(Entra Domingos. Um silêncio embaraçado.)

SCENA XIII

Os MESMOS e DOMINGOS

DOMINGOS

(com socêgo, em que se adivinha uma certeza triunfante)

Sei que veio aqui para falar-me. Como a estas horas o devem procurar por toda a parte e não há um minuto a desperdiçar, julgo prudente não demorarmos o que nos temos a dizer.

MARCOS

Seja.

SUZANA

Posso ficar, papá?

DOMINGOS

Desejo primeiramente ter uma conversa em particular com êste senhor.

SUZANA

Meu pai, peço-lhe! Lembre-se de mim!

DOMINGOS

Socega. Vai.

(Suzana tem um olhar suplicante para Marcos e sai.)

SCENA XIV

MARCOS e DOMINGOS

MARCOS

Sabe então o motivo que me trouxe aqui?

DOMINGOS

Sei.

MARCOS

Devo todavia declarar-lhe: hoje trouxe-me apenas a promessa que ontem fiz a Suzana. Não julgo esta ocasião azada para... conversarmos. Não tenho ilusões. Sei que a minha presença hoje, aqui, lhe é profundamente desagradável.

DOMINGOS:

Conforme. Tudo póde acabar. Depende de si apenas.

MARCOS

Talvez melhor, de qualquer de nós dois.

DOMINGOS

De si, repito. Eu sei que nos separa uma grande distância. E forçoso eliminá-la. Para

que não tenha dúvida alguma sôbre a minha lealdade, começarei eu por dar todos os passos lícitos em direcção a si. Fica-lhe depois apenas a fazer o resto do caninho. E asseguro-lhe: será bem pouco.

MARCOS

Espero então.

DOMINGOS

Vou direito ao assunto para pouparmos tempo. Era sua intenção vir hoje pedir-me minha filha, não é verdade?...

MARCOS

Sim, desejava falar com o senhor Domingos sôbre o nosso projectado casamento. Mas repito: não considero própria esta ocasião.

DOMINGOS

(pausadamente)

Ao contrário. Acho êste dia o melhor para nos entendermos. Só ao fim da luta se pôde fazer a paz. E desde que o senhor quer entrar para a minha família, tem que se estabelecer entre nós dois... a paz.

MARCOS

Exactamente neste dia é que não me parece fácil.

DOMINGOS

(frio, cínico, senhor de si)

Pois eu creio que nunca o foi como hoje. Não se precipite. Nem percâmos tempo. *(pau-*

sa) É claro, o senhor deve já ter perdido de todo as ilusões. Foi uma cegueira. Errou. (*gesto de impaciência de Marcos*) Sim, deixemos isso. (*tolerante*) Póde mesmo conservar consigo as suas idéas. Trata-se agora apenas de ser-se prático, saber encarar a vida. Sim, porque o seu gosto tem sido sempre viver entre operários, educá-los... guiá-los. Certo! Pois eu vou oferecer-lhe a ocasião de realizar o seu desejo e ainda com largas vantagens para si.

MARCOS

(*entrevedendo, com um sorriso imperceptível de tristeza*)

Ah!...

DOMINGOS

(*confiado*)

Não se espante. Sou pai. Penso também no futuro de Suzana. Por outro lado estou cansado. E o Justino não tem feitio para isto. Eu convido-o, pois, para gerir comigo a minha fábrica e mesmo entrar nos meus negócios, uma e outra coisa, é claro, sob a minha orientação. De princípio não digo que lhe dê grande parte. Tudo depende de si. Como sabe, os cereais teem-me dado bons lucros. Mas na fábrica já não é assim. Aí necessita-se duma forte disciplina. Ultimamente os operários com estas idéas... (*com intenção*) Enfim, o senhor que lhes sabe falar e é inteligente, se quiser, é que poderá... mesmo para seu interêsse... Compreende-me, não é?

MARCOS

(*com um riso de orgulho, de mofa e de desprezo*)

Sim, já compreendi.

DOMINGOS

(enfado)

E ri-se ?!

MARCOS

(contendo-se)

Rio. É o menos com que se pode responder ao seu ultraje.

DOMINGOS

(corrido)

Ora essa...

MARCOS

Era isso então que me queria dizer? Já o adivinhava. A distância que nos separa é tão grande que o senhor nem a póde medir. *(irónico)* Os dois de parceria?... Agradeço, mas não aceito.

DOMINGOS

(já com um pouco de desprêzo)

O senhor?! Não aceita?! Está a falar a sério?!

MARCOS

Estou, sim. Bem mais direito me assistia a mim de lhe fazer essa pergunta.

DOMINGOS

(com riso furioso)

Essa agora!... Chega a ter graça. Está para ser preso. Vem para aqui refugiar-se. *(sufocado)* Vem... vem... vem... de... nem quero lembrar-me disso! E eu esqueço tudo,

ofereço-lhe trabalho honrado, parte nos meus negócios, e isto de mão beijada... e o senhor... *(explodindo)* Isso não! Vamos então a explicar-nos.

MARCOS

(fazendo um esforço terrível para se dominar)

Senhor Domingos, basta! Basta, peço-lhe! Peço-lhe por tudo. Não falemos mais em semelhante coisa!

DOMINGOS

De maneira nenhuma. Há de explicar-se. Vamos a vêr qual de nós é o ultrajado.

MARCOS

(com desespero)

Pois não lhe disse mais duma vez que não achava a ocasião azada?! Tenho os nervos queimados. Não me sinto bem. Recuso. Estou no meu direito. Que lhe importa? Deixe-me! Deixe-me! Talvez nem me entendesse. Eu saírei de sua casa já. Descanse.

DOMINGOS

Não. Espere aí. Já que chegámos a êste ponto, vamos até ao fim. *(uma risada fria)*

Ah! Ah! Exijo-lho — entenda bem! que me explique os motivos por que recusa a minha oferta.

MARCOS

(após uma pausa, com brusca determinação, branco)

E se eu lhe exigir que me explique os motivos por que não crê na minha honestidade...

DOMINGOS

Hoje e aqui só eu tenho o direito de interrogar e de exigir.

MARCOS

(ressurgindo, irónico, desesperado, heroico)

Sim! A minha causa está perdida. E eu perdido também. Espera-me uma prisão. Devo ter um ar de coisa amachucada. Fomos vencidos, eu e a canalha. Ao contrário, vós outros triunfais. Ides realizar enfim o vosso ideal: transformar a terra num balcão e a vida toda num negócio. Vai começar a grande feira. É fartar! Pois bem. Eu continuo a desprezá-lo a si e aos seus iguais. Quero sua filha, mas sem cumplicidades torpes com o pai. O reu vai acusá-lo.

DOMINGOS

(interrompendo)

Cumplicidades?! Acusar-me?! O senhor?! De quê?! *(avança para elle ameaçador)* Não saí daqui sem me explicar o que quer dizer com isso.

MARCOS

(dominador)

Escusa de ameaçar-me. Já não receio nada. Ha de ouvir tudo. Acuso-o de explorar o trabalho dos outros. Acuso-o de fartar-se, à custa da fome alheia. Acuso-o de enriquecer, provocando a ruína de nós todos. Acuso-o...

DOMINGOS

Mente! Os senhores o que não querem é trabalhar. Tudo o que tenho devo-o ao meu trabalho.

MARCOS

(terrivel)

O seu trabalho?! Respeite essa palavra. Respeite o que há de sacrificio, de miséria e beleza por trás dela. Não ultraje os vencidos no que elles teem de mais sagrado. Ouça. Creio que só o trabalho exalta, liberta e nobilita. Mas sabe lá o senhor o que é trabalho?! Isto de se dar em carne, em sangue, em sonho; oferecer-se à vida, aos outros, dia a dia; criar, gemer, queimar-se, sempre com uma parte de desinterêsse e de alegria, e às claras, a toda a luz do sol?... O senhor, que vive a maquinar negociatas escuras, que sacrifica todos os sentimentos à fúria insaciável do dinheiro?! E senão, diga-me para que lhe serve o oiro? Foi útil? semeou? Criou alguma coisa? Espalhou bondade? Tornou mais bela a vida? Não. Cale-se. Não profira mais essa palavra. Ordeno-lho em nome dos milhares de desgraçados, à custa de cuja dôr o senhor tem engordado.

DOMINGOS

Basta! Ou se cala ou o ponho na rua! Se lhe falei, foi apenas por piedade. Aqui é um tolerado. Está fóra da lei!

MARCOS

E os senhores fóra da humanidade!

DOMINGOS

(crescendo sôbre êle)

Lembre-se donde vem. De matar! Assassino!

MARCOS

Mas sois vós que atentais diariamente contra a vida dos que sofrem!

DOMINGOS

Incendiário!

MARCOS

Mas é no fogo da vossa cubiça que a cidade está a arder!

DOMINGOS

(tem um longo espanto ; depois apop'ético de cólera)

Fóra! Fóra! Rua!

SCENA XV

Os MESMOS e mais SUZANA e D. CRISTINA, que às últimas palavras irrompem na sala. Falam as duas ao mesmo tempo.

SUZANA

Meu pai! Meu pai! Ouçam pelo amôr de Deus!

D. CRISTINA

Oh Domingos! Marcos! Endoideceram!

DOMINGOS

(cuja primeira parte da fala se mistura às exclamações precedentes)

Esperem! Não ouvir! Este senhor escolheu esta ocasião, em que entra aqui fugido e vinha falar comigo a teu respeito, para me ultrajar.

Às minhas generosas ofertas respondeu com insultos.

SUZANA e D. CRISTINA

Marcos!

MARCOS

Suzana, não julgues sem me ouvir. Teu pai, na ocasião em que me crê esmagado e me julga inevitavelmente posto entre as suas propostas e o teu amôr dum lado e a porta duma prisão do outro, quiz negociar comigo, obrigando-me a auxiliá-lo numa vida que eu não reputo honesta.

DOMINGOS

Aí teem. Ouçam.

D. CRISTINA

Marcos, tu endoideceste.

SUZANA

(dolorosamente)

Marcos!

MARCOS

(inteiramente senhor de si, sublinhando as últimas palavras)

Fala tu agora. Escolhe também. És, porventura, solidária com teu pai?! Chegou a ocasião de decidires.

SUZANA

(vacilando, debatendo-se consigo própria)

Meu pai! Marcos! Não sei! Que tortura!
Querem matar-me!

SCENA XVI

Os MESMOS e o CÓNEGO

(Este entra às últimas palavras. Traç a face tão pálida e transtornada pela angústia que todos se calam e quedam, tomados de anciedade. Vacila um instante. Tenta dominar-se.)

D. CRISTINA

Que foi?! Sabes alguma coisa do Justino?

CÓNEGO

Cristina, Domingos, meus irmãos, meus filhos, peço-vos que tenham ânimo!

TODOS

Fale! Fala! Diga!

D. CRISTINA

Sabes alguma coisa dêle?

CÓNEGO

Vamos. Não é caso para desanimar. Sei, sim... Tenhamos fé em Deus que nos há de valer.

D. CRISTINA

Depressa, pelo amôr de Deus!

CÓNEGO

Tristes novas... tenham ânimo...

Acabe!

DOMINGOS

CÓNEGO

Foram agora mesmo pedir-me a minha casa para vos comunicar... (*Hesita*)

DOMINGOS

Foi o Justino!...

CÓNEGO

Sim! O Justino acaba de ser ferido!

DOMINGOS

Cómo?!

CÓNEGO

(*embaraçado*)

Com certa gravidade...

D. CRISTINA

(*num grito do coração*)

Meu filho! Mataram-no! Mataram-no!

SUZANA

O meu irmão! Minha mãe!

DOMINGOS

(*saindo do primeiro pasmo, desorientado*)

E como foi? Quero vê-lo! Onde está êle?!

MARCOS

(*acabrunhado*)

Pobre rapaz! Eu a dizer-lhe!...

CÓNEGO

E tu... já me esquecia... Que dia êste! Foge quanto antes. Estão lá em baixo para te prender um oficial e alguns soldados. Preguntaram por ti... Dispunham-se a subir. (*impelindo-o*) Foge! Foge depressa!

(*Marcos, colhido de surpresa, tem uma ligeira hesitação.*)

DOMINGOS

(*interpondo-se, em grita, halucinado*)

Alto! Já não fugirá! O sangue de meu filho ainda está quente! Ajudou a matá-lo! Hei de eu próprio entregá-lo à prisão! (*corre para a porta e brada numa fúria*) Subam! Venham cá! (*Trava-lhe dum braço com violência cega*) Tenho-o aqui! Assassino! Levem-no! Vinguem o meu filho!

CONEGO

Basta, senhor Domingos! Olhe o que vai fazer!

MARCOS

(*sacudindo-o com brutalidade e crescendo sôbre êle, dominando-se para o não agredir*)

Largue-me e cale-se... ou esqueço tudo! Seu filho morre às suas mãos! O seu egoísmo feroz começa a volver-se contra si. Socegue. Mais infamante que a prisão fôra dever-lhe a liberdade! Sou eu que me vou entregar!

(*Dirige-se para a porta da direita.*)

CÓNEGO

(interpondo-se)

Pára! *(para Domingos)* Basta! Veja o que faz! *(para Marcos, indicando-lhe a porta do jardim)* Sai por ali, depressa!

(O cónego tenta desviar Marcos. Este afasta-o com silenciosa e orgulhosa decisão. Chegado à porta, pára, volta-se, lança um olhar sobre Suzana, que continua abraçada à mãe, uma e outra afogadas de todo na aflicção. Uma onda de amargura e desespero lava-lhe a máscara violentamente. Logo o olhar se lhe acende com indignação. Por fim sai, resolutivo.)

DOMINGOS

(tombando numa cadeira, a chorar)

Meu filho! Que é dêle?! Que é de mim?!
O que vai ser de nós?!

(O cónego ficou imóvel no meio da sala.)

SUZANA

(que se ergue de súbito, procurando em torno com o olhar desvairado e se dirige para a porta, cambaleante)

Marcos! Marcos! Onde está êle?!

(Pára, vacila, cái nos braços do cónego, a soluçar.)

CÁI O PANO

ACTO III

A cela duma prisão. Porta à esquerda. Ao fundo janela de grades, rasgada de alto a baixo, aberta sobre o golfão azul do Tejo, que ao longe flanqueiam as serras azuladas e a casaria nivia, da beira de água. Pequeno leito de ferro à direita. Uma mesa e duas cadeiras. Paredes de cal nuas, riscadas de inscrições e alegorias tóscas. Chão de tijolo gasto. Rompe a madrugada, iluminando a cela pouco a pouco. Ao abrir da scena, ainda as figuras se movem na meia sombra lívida.

SCENA I

MARCOS

(Está sentado numa cadeira, cotovelos fincados nos joelhos, o rosto sôbre as mãos e o olhar vago. Acode-lhe uma lembrança de aflição. Ergue-se, dirige-se à porta e bate com a mão, ficando à escuta.)

SCENA II

MARCOS e o GUARDA, que abre a porta e entra

GUARDA

Bom dia.

MARCOS

Bom dia. Desculpe. Queria perguntar-lhe...

GUARDA

(interrompendo)

E eu trago-lhe talvez a resposta que deseja.

MARCOS

Então ?!

GUARDA

Telefonaram há pouco para cá, dando licença para receber visitas de família.

MARCOS

Não era isso. Mas tem a certeza do que diz ?!

GUARDA

Se tenho! E é caso para se espantar. Ainda não entrou há oito horas e já o podem visitar. Para todos os outros ordem da mais rigorosa incomunicabilidade.

MARCOS

Obrigado. Mas o que eu desejava saber era se acaso ouviu falar ou leu nalgum jornal notícia dum capitão Justino de Oliveira que ontem foi ferido.

GUARDA

Está à morte ao que parece. Uma bala no peito. Tenho aqui o jornal. Até vem o retrato.

MARCOS

(arrancando-lho das mãos aflitivamente)

Dê-mo por caridade! Onde é ?!

GUARDA

Aí, na segunda página, ao alto.

MARCOS

(lendo apressado)

«Os mortos e os feridos. No hospital de S. José... Capitão Justino de Oliveira. Há poucas esperanças de o salvar.» — Peço-lhe: deixe-me agora sósinho para ler.

GUARDA

À vontade. Até logo. E às ordens...

Fecha a porta. Um silêncio. Marcos lê sofregamente. Ouve-se o murmúrio da sua voz. O guarda torna a entrar.

SCENA III

MARCOS, CÓNEGO, FRUTUOSO e o GUARDA

GUARDA

Não lho dizia? Já aqui tem uma visita. O senhor padre...

CÓNEGO

(emendando e entrando, precipitado)

Cónego Frutuoso...

(O guarda fecha a porta e sai.)

MARCOS

(correndo para êle)

Então?! O Justino?! *(apertam as mãos)*

CÓNEGO

Tem a vida por um fio. Venho de lá. Nem sei de mim. E tu? E tu?! Cabeça doida!

MARCOS

Deixemos isso. Conte-me. Diga-me tudo.

CÓNEGO

Venho de lá; passei lá a noite. Passámos todos, dentro do quarto e cá fóra no corredor, sem dormir, é claro. Ai! a pobre mãe! E a Suzana! E o pai! As caras dêles! E tu também! As tuas mãos escaldam! Que cara de desenterrado!

MARCOS

Há três dias que não durmo. Nem me dei-tei! O Justino!... A scena de ontem!... Que horror de noite! Mas conte. Eu estava a começar a lêr. Diga de princípio. Como é que foi ferido?

CÓNEGO

Olha que nem se sabe bem. Uma bala junto do coração! Uns dizem que dos populares; outros da própria tropa, que perdeu a cabeça e atirava às cegas.

MARCOS

Pobre dêle! Pobre Justino! Não se quis fiar...

CÓNEGO

No hospital apenas lhe deram umas injeções, abriu os olhos. Viu-nos a todos, e a pri-

meira coisa que fez foi perguntar por ti. O pai, — aquele Domingos! — julgando talvez que lhe dava satisfação, vai e diz-lhe a verdade: que estavas preso... que êle próprio te quiz entregar à prisão... Uma imprudência!...

MARCOS

E êle?

CÓNEGO

Fechou os olhos. Esteve uns minutos silencioso, mas logo tomado por uma grande agitação. Depois tornou a abri-los e disse: «Pai, fez muito mal. Vou talvez morrer. E por não ter seguido os conselhos do Marcos. Morro por cobardia. Esta não era a minha vida. Mas se alguma satisfação poderia ter ainda, era vê-lo, e livre!» *(Pausa, o cónego limpa uma lágrima.)*

MARCOS

(em alvoroço)

Êle disse isso?! O Justino?!

CONEGO

O pai prometeu-lhe que faria todo o possível. E o Justino logo a seguir fechou de novo os olhos, ficou em grande inquietação e apenas se ouve gemer de quando em quando. Cá fora o médico censurou o pai e preveniu-o de que a opressão moral, em que o lançara com aquela notícia, o podia acabar de um momento para o outro. E que se houvesse meio...

MARCOS

Mas bem sabe, que tão cedo por certo não me pode vêr!

CÓNEGO

Espera. O pai affligiu-se, maldisse a sua precipitação. E há pouco, ainda não começára a amanhecer, apenas a cidade socegou um pouco mais, o ministro do interior em pessoa foi ao hospital visitar os feridos. Ainda lá está. O pai falou-lhe. Sabes que se dão. E êle parecia inclinado a ceder. Naturalmente imporá alguma condição...

MARCOS

Não vejo maneira alguma. Por mim não creio. Não tenho ilusões. Mas não sabe qual a resposta definitiva?

CÓNEGO

Não. Ficaram a falar ainda. E eu vim adiante para prevenir o caso... enfim... quem nos diz que o próprio pai se não resolva...

MARCOS

(com sobresalto)

O quê?! Êsse homem quer vir aqui?!

CÓNEGO

Porque não?!

MARCOS

Como?! Êle?! Aqui?! Nesta prisão?! Seria degradante para mim... e até para êle! Deixem-me ao menos aqui em paz. Nunca!

CÓNEGO

O sofrimento e o tempo tudo apagam. E que sofrimento maior do que êste?! Tem um filho

à morte. Quere salvá-lo. O seu dever é tentar todos os meios.

MARCOS

Seja como fôr. Lembre-se que me quis entregar à prisão. Se tiver alguma coisa a comunicar-me, que lha confie a si. Por que o padrinho ainda foi o único que tentou impedir que me prendessem, que se revoltou. Ah não! São feridas que estão em sangue. Não lhes mexam! Não as irrite mais!

CÓNEGO

Marcos, perante uma desgraça como esta, não deves lembrar agravos e esquecer favores. Porque tu alguma gratidão também lhe deves.

MARCOS

Não diga mais. Conheço a história. És uma criança, um deserdado, um miserável. Aqui tens os teus favores. Mas ficas engasgado para sempre nesta coleira chamada gratidão. E agora beija as mãos do dono, inda que êle te venda, te bata ou te escorrace. Estou farto! Sou pela ingratidão!

CÓNEGO

Lembra-te então que é o pai de Suzana e de Justino... e do que êles sofrem todos!

MARCOS

(com uma tristeza misturada de revolta)

Por Deus lhe peço, não me lembre Suzana! Viu o pai entregar-me à prisão e não teve uma

palavra, um grito, sequer um gesto de censura! O que êles sofrem?! E eu?! Eu que me dei sempre todo, sem reservas, com inteira lealdade, á vida, queimando-me, oferecendo-me, atirando-me... E chegada a hora terrível... A prisão é o menos; mas... vencido, renegado por todos, até por aquela que eu minutos antes queria para companheira de toda a vida! Ainda me parece um pesadelo! Que noite! Que deserto!

CÓNEGO

Mas quem te diz que ela, no estado em que ficou, ao receber a primeira notícia, tinha cabeça, tinha ânimo, para se entregar a outra dôr que não fosse aquela?

MARCOS

Mas teve-a o padrinho.

CONEGO

Passara já um pouco a brutalidade do primeiro choque. Há mais de um quarto de hora que sabia do estado de Justino. Já não estava esmagado como elas.

MARCOS

Ah não! Não me quero iludir! Na esperança de recolher uma palavra de protesto e amor que eu traria comigo como um tesouro para esta prisão, demorei ainda a minha entrega, forçando a indignação com aquele que me entregava. Nêle, afinal, não havia que extranhar. Estava na sua lógica feroz. Era o último argu-

mento com que fechava, vitorioso, a questão que debatíamos.

CONEGO

Estás em êrro. E hás de reconhecê-lo ainda. Mas suponhamos que tens carradas de razão. Há uma coisa mais urgente a tratar que nenhuma outra: a vida de Justino. Só Deus sabe o que lhe está reservado. Mas o nosso dever é tentar os últimos recursos. Um minuto de hesitação pode perdê-lo. Recusas-te a ouvir o pai, para salvar da morte o filho?!

MARCOS

(hesitando, com doloroso esforço)

Recebê-lo! Ouví-lo! Se eu lhe tenho repulsa! Pois seja pela vida dêsse infeliz rapaz. Recalcarei os meus resentimentos. Mas êle que não tente enxovalhar-me mais uma vez e aqui.

CÓNEGO

Era o que faltava! Então consentes que eu avise o guarda? Se êle vier, que entre. Pode já mesmo estar aí.

MARCOS

Consinto.

CONEGO

(abre a porta e fala para fora)

Oh senhor guarda, olhe, queira fazer o favor: se vier um cavalheiro procurar-me, diga-lhe que pode entrar; que o espero aqui. *(reentrando e fechando a porta)* E agora sê prudente. Já que a mais nada obedeces, lembra-te dos meus pedidos e da vida do Justino.

MARCOS

Continuo na minha. Não vejo possibilidade alguma.

CÓNEGO,

Marcos, dizem-to os meus cabelos brancos: as coisas que mais estranhas nos parecem, dum momento para outro, a nós mesmos se afiguram naturais. Estás na prisão. Porventura espera-te o destêrro. Deves evitá-lo a todo o custo. Sabe-o: nem preso nem cativo tem amigo. Quando a roda da fortuna começa a desandar, convem pará-la a todo o preço. *(entra o guarda)*

SCENA IV

Os MESMOS, DOMINGOS e o GUARDA

O GUARDA

Com licença. Já chegou o tal senhor.

CÓNEGO

Que entre.

(Domingos entra. Um silêncio gelado.)

CÓNEGO

(comovido)

Senhor Domingos e tu, Marcos, lembrem-se agora apenas daquêie que está à espera de que o salvem.

DOMINGOS

(com voz trémula e embaraçada)

Sim, antes de mais nada, peço-lhe que esqueça quanto ontem sucedeu. Esqueçamos am-

bos. Creia que tudo foi a exaltação de momento e a desgraça de meu filho. (*Comove-se.*)

MARCOS

(*com frieza*)

Passemos adiante.

CÓNEGO

Um momento. Como está êle agora?

DOMINGOS

Infelizmente a agitação aumenta. Já perguntou duas vezes pelo Marcos desde que o cunhado saiu. E o médico assegurou-me que a continuar assim, pode dum momento para o outro, por via da hipertensão, sobrevir uma nova hemorragia, que lhe cause a morte. Mas, acrescenta, — ouçam! — se conseguirmos libertá-lo daquêle estado, é possível salvá-lo ainda. Sabe naturalmente já o desejo que êle manifestou?

MARCOS

Sim, o padrinho contou-mo.

DOMINGOS

Trata-se igualmente da sua salvação.

MARCOS

Peço-lhe que não se preocupe mais comigo.

DOMINGOS

Mas, como sabe, a única esperança de o salvar seria que êle o visse... em liberdade.

MARCOS

Sei que é impossível.

DOMINGOS

Não, se quiser.

CÓNEGO

Diga então... mas depressa.

DOMINGOS

(consultando o relógio)

Tem razão. Apesar do automóvel vir à doida, perdi um quarto de hora do hospital para aqui. Por Deus, ouça-me sem me interromper. Ele está entre a vida e a morte. No fim dirá.

MARCOS

Fale.

DOMINGOS

O ministro, junto de quem venho de pedir com toda a instância, consente em libertá-lo. Mas, diz êle, o estrangeiro tem os olhos em nós neste momento, e o seu nome é muito conhecido, como orientador das massas operárias. Põe êle, pois, como condição, que o senhor declare publicamente que se iludiu e renuncie à propaganda das idéas que até agora defendeu. Diz até que isso lhe ficaria bem por todos os motivos. Desde que aceda dará as suas ordens imediatamente para que o soltem. Era também desejo dêle que o Marcos, saindo daqui, fizesse uma viagem ao estrangeiro. O senhor tencionava ontem pedir minha filha, o que afinal... por causa...

CÓNEGO

Adiante. Com águas passadas não moc o moinho.

DOMINGOS

Emfim, casavam-se; iam dar um passeio até lá fora. Felizmente o dinheiro não havia de faltar. Podiam ir até com desafôgo. E ambos ficávamos com a consciência tranqüila por ter empregado todos os meios para salvar aquêl desgraçado. (*Comove-se novamente.*)

MARCOS

(*com tristeza desesperada*)

E veio o senhor aqui para isso! Já o devia adivinhar... Quere-me comprar de novo! Não compreendeu ainda! (*para o cónego*) Ouvia? Que me diz a isto agora?

CÓNEGO

Que não penses mais nas loucuras passadas. Tu próprio ontem te mostravas repeso. Estás perdido. Mas veem dar-te a mão para salvar-te. Podes fazer, além da tua, a felicidade duma família inteira, salvando uma vida que te é querida. Sabes como sou teu amigo. O meu conselho nasce dessa pura amizade. Marcos, aceita.

MARCOS

(*profundamente desolado*)

A mágua arrependida que ontem mostrei, não foi por mim, mas pelos outros. A minha chama interior, essa ficou intacta. Mas quando

o padrinho me aconselha assim, quasi o absolvo, a êle, de repetir o ultrage. Sim, para êle as coisas e as almas tudo são mercadorias. Mas o padrinho, o sacerdote, que eu me acostumei a venerar pela sua isenção, que devia velar pela pureza do espirito, quere-me feirar também a consciência! Ninguem me compreende! Estou mais sósinho do que nunca! São todos! todos! A sua filha?! (*Tem um riso frio. Repele-os com horror desvairado.*) Não me falem mais dela! Não a quero mais vêr! Não quero vêr ninguem! Façam de conta que morri! Deixem-me! Deixem-me sósinho!

CÓNEGO

(*com brandura, aflito*)

Marcos, que dizes tu?! Socega! Estás doente. Desvairas. Tu não vês o que fazes? Queres deixar morrer aquele pobresinho, à míngua de socorro?!

DOMINGOS;

(*com desespero*)

E as horas passam! Tudo na mesma! Só o tempo não pára! É de endoidecer! Temos aqui uma vida entre as mãos, e não pudemos, não sabemos salva-la! É por mim? É minha a culpa?! Ofendi-o? Sim, fiz mal. O meu filho tem razão. Eu confesso: cometi uma infamia. (*com lágrimas na voz*) Mas que há de ser de mim, sem o meu filho?! E essa pobre Suzana agora?! Sou um pobre pai, despedaçado pela angústia! Eu faço o que quizer! Eu sujeito-me a tudo! Tenha dó de mim! Quer-me ver abtido? É isso? (*chorando*) Perdão, perdão, senhor!

MARCOS

Sofre. Sofre emfim. Mas qual de nós sofrerá mais?! O seu sofrimento chega-me de longe, mal o ouço e o entendo, tanto soffro também. Uma diferença entre nós dois existe. O senhor tem sacrificado milhares de vidas ao seu egoísmo. O mal que espalhou iniquamente recai agora sôbre si. Não será justo? Mas eu soffro e tenho o direito de fazer soffrer. Primeiro me condeno, a mim, ao desterro, à miséria, e à luta sem trégua e sem amparo!

CÓNEGO

Para quê?! Se te oferecem a liberdade, o auxílio, a fortuna?!

MARCOS

Para conservar o bem mais alto: — a liberdade de consciência.

DOMINGOS

Recusa então?!

MARCOS

Recuso.

DOMINGOS

Será possível?! É a sua última palavra?!

MARCOS

A última.

CONEGO

Tu não estás senhor de ti. Sofres. O teu espírito adoeceu. Pensa ainda uma vez. Mede o que fazes. Perdes-te!

MARCOS

Não, salvo-me!

DOMINGOS

Ouçã! Ontem, no primeiro ímpeto da aflição, chamei-lhe assassino de meu filho. Fez-me exceder a dôr. Ha pouco exaltava-me a derradeira esperança. Mas agora começo a estar sereno... nem sei... sereno como nunca. Fiz tudo o que é possível. Se teima em recusar, tenho o direito de afirmar que o mata a sangue-frio! E então...

(Tem um gesto de fúria desvairada.)

MARCOS

Saia! Saia! Não me afronte mais!

DOMINGOS

(crescendo sôbre êle, de cabeça perdida)

E se eu não quiser sair?! Se a lembrança daquele martir me obrigar...

MARCOS

Sáia! para que eu me não lembre também...

CONEGO

(interpondo-se, bruscamente)

Basta! Calem-se! Sim, senhor Domingos, saia! Fiquemos ao menos por aqui! Deixe-me agora só com êle!

DOMINGOS

(vencendo-se, para logo explodir)

Eu saio. Eu vou. Vou assistir-lhe à morte!
(para Marcos) Maldito seja! Maldito para sempre! Que o sangue de meu filho caia todo sôbre a sua cabeça!

(Domingos sai)

SCENA V

MARCOS e o CÓNEGO

CONEGO

Mais uma palavra apenas. Dirigiste-te há pouco ao sacerdote. É êle que te fala agora. Perdeste de todo a religião?

MARCOS

Não; tenho a minha.

CÓNEGO

E crês em Deus?

MARCOS

Creio. Mas Deus está em mim. Amá-lo é

realizar a divindade; afirmar através de tudo e contra todos a sua lei.

CÓNEGO

E esse Deus manda-te que, por dureza de alma deixes morrer um... irmão?!

MARCOS

Sim. O meu Deus ordena-me que sacrifique o irmão, hoje, em nome da irmandade mais perfeita de amanhã.

CÓNEGO

Deus disse: ama ao próximo como a ti próprio.

MARCOS

O meu ordena-me também: sacrifica o próximo como a ti mesmo. Assim o exige a salvação.

CÓNEGO

Insensato, é o orgulho que te sacode a língua. Há um único Deus e Salvador, cujo espírito alumia o mundo em piedade e resignação.

MARCOS

A piedade eis o que perde os salvadores e impede a salvação.

CÓNEGO

Não profiras blasfêmias. Tens diante de ti um sacerdote de Cristo.

MARCOS

E quem lhe diz que eu não seja cristão ?

CÓNEGO

As tuas palavras e os teus actos.

MARCOS

(que a pouco e pouco se exalta até ao rapto visionante)

Ilude-se. Vós outros haveis criado um Cristo, que representais sempre crucificado e abatido para nos fazer acreditar que a renúncia total perante a vida seja o único remédio para o mal. Eu vi porém êsse Crucificado sofrendo o pêso definitivamente inútil da renúncia. Foi durante a guerra, nas trincheiras da Neuve-Chapelle. O madeiro do martírio erguia-se, alto e solitário, sôbre a povoação e a planície totalmente arrasada e revolvida. Caía a tarde, acabára a batalha. O chão estava coberto de mortos e de sangue. Aquela hora o mundo devia estar coberto dêles. Figurai sôbre a terra os vinte milhões de mortos e os trinta milhões de mutilados e estropiados, que tombaram na hecatombe fratricida. Era a humanidade sofrendo, sangrando e agonizando, como nunca. Eu caíra ferido e sem acôrdo entre a multidão martirizada, a alguns metros do Calvário. Recobrei os sentidos e vi, sim, vi, ainda o vejo, o Cristo, ao alto, sôbre a cruz, que olháva com pasmo a terra coberta dos seus irmãos assassinados aos milhões. Vinte séculos de piedade e de renúncia tinham dado na maior e mais abominável das carnificinas. Sim, então o vi, alevantado sôbre o campo de batalha, que ocupava o mundo, vergando com infinito desa-

lento a frente, como o símbolo trágico da inutilidade da renúncia humana.

CONEGO

(com pasmo doloroso)

As vigílias e as dôres turbaram-te a razão. Deliras. O mal está no homem desde a origem. A guerra é uma fatalidade humana. Pois nem esta lição te aproveitou ?!

MARCOS

Descance: aproveitou. Ésta noite passei-a a meditar. A dôr abriu-me novos horizontes. Continuo a pensar que o mal de origem é usurpar e oprimir. Mas sei agora que é maior do que eu imaginava e impossível de curar-se com as mudanças exteriores e rápidas. A arvore da vida mergulha as raizes dentro de nós mesmos. As almas também estão cercadas de muralhas; e a grande revolução a fazer é mais lenta e tem que realizar-se dentro delas.

CÓNEGO

(prendendo-se a esta última esperança)

Á! mas se assim é... estás quasi na verdade. Faze um esforço: vai até ao fim. O poder que oprime é uma triste necessidade. Crê: enquanto houver homens, existirão os oprimidos. A resignação foi o tesouro que Jesus deixou aos deserdados. Filho! filho! aceita a oferta divina; resigna-te, e vem!

MARCOS

(com uma nova revolta)

Não! Nunca! Esta crença num futuro me-

lhor, que adoça as dôres da humanidade, nasceu do peito de Jesus. Cristo foi o maior e mais ardente dos revoltados contra o tempo em que viveu. Cristo amou o povo, os pobres, os humildes; e detestou os ricos, os poderosos, os soberbos. Cristo colocou a liberdade moral acima de todos os interesses terrenos. Cristo levou o seu protesto até às derradeiras consequências; foi afrontar, sósinho, a turba dos inimigos, a Jerusalem dos fariseus. Ah! não! O Evangelho é um cântico heroico e o Calvário o mais sublime exemplo de vontade e revolta para todos os que sofrem em nome dum ideal.

CÓNEGO

(com tristeza e indignação)

Marcos, fazes-me pena e horror! Volta à realidade! Perdes-te em imaginações! Ainda uma ultima vez. Temos a morte, frente a frente. Não a sentes?! Por mim quasi que a toco. A cada minuto a vejo que mais se apossa daquele desgraçado. Homem sem coração, que são as tuas ideas, os teus devaneios, num prato da balança, quando o outro verga ao pêso terrivel duma vida humana?! Da vida dum irmão?!

MARCOS

E que é a vida dum irmão!! «Aquele que ama o irmão mais do que a verdade não é digno de mim», disse Cristo. E que é a vida?! Que somos nós?! Há um mundo novo, uma vida mais alta e generosa que alvorece. Todo o meu esforço deve consistir em realizá-la. Eu piso a nova terra. Pertença a essa vida!

CONEGO

Ontem cheguei a convencer-me que estavas salvo. Mostravas-te contrito. Condenavas os factos horríveis que presenceáras. Todas as tuas utopias haviam desabado. E hoje...!

MARCOS

Sofri e soffro. Condenei e condeno. Nenhuma vasta aspiração social me satisfaz, quando não atinja a grandeza livre e generosa do puro ideal cristão. E ainda quando eu fôsse o único homem a pensar assim sôbre o planeta, havia de erguer ao alto e até ao fim o facho da minha esperança! Os profetas devem mostrar em si a profecia.

CÓNEGO

Deixo-te! Adeus! Estava escrito. Calcas aos pés o amor de irmão, o amor de filho, o de família. Encarceras-te por tuas próprias mãos. Enlouqueceste. Pobre dele e de ti. Mas antes, talvez, a morte!

MARCOS

(num triunfo doloroso, a voz cortada pela comoção)

Padrinho, não condene aquilo que não entende! Nunca o amor em mim subiu tão alto, nem me senti tão livre como hoje!

CÓNEGO

(entre comovido e indignado, dominando-se)

Adeus!

(sáí)

SCENA VI

MARCOS, sósinho

(Olha por instantes a porta, colado no chão, petrificado. Depois leva as mãos à cabeça, ao coração; agita-as como um afogado. Senta-se. Esconde o rosto entre as mãos e soluça numa convulsão. Sente-se o ruído de vozes.)

SCENA VII

MARCOS e SUZANA

(Suzana entra de repelão. Há um grande silêncio. Ambos se comovem, mas lentamente se dominam.)

SUZANA

Sabes ao que venho?

MARCOS

Não.

SUZANA

Exigir-te a vida de Justino.

MARCOS

Com que direito?!

SUZANA

O que me dá o meu amor de irmã... e o meu amor por ti.

MARCOS

(sardónico)

O teu amor por mim... E consentiste em que teu pai me atirasse para aqui!

SUZANA

Já esperava a acusação. Em que te fundas para afirmar uma tal monstruosidade?!

MARCOS

Vi e amarguei a tua indiferença perante a infâmia que se praticava.

SUZANA

(com indignação)

E não viste que tinha os nervos gastos pelo desespero e que aquela notícia horrível desabada de chofre me roubou a razão, me deixou sem acôrdo?! Perdôo-te porque sofres! Mas volta de novo a ti! Amo-te. Amo-te como sempre...

MARCOS

Porque vens então falar-me aqui, como quem fala a um réu?!

SUZANA

É que amo meu irmão também. E a tua deshumanidade poderia fazer que te odiasses.

MARCOS

E sabes o que exigem de mim?!

SUZANA

Sei. Que importa?... Sei.

MARCOS

Suzana!...

SUZANA

Escuta-me primeiro ! Não souberam dizer-to ! O meu pobre irmão está à morte e a chamar por ti... à tua espera... É êle... e são os pais, sou eu, todos agonizamos. Todos temos o coração varado ! Mas tu, — pensa bem ! se quizeres, podes salvá-lo. E, ainda que êle tivesse de morrer — o que eu não quero, o que eu não creio ! levar-lheias ao menos a derradeira consolação. (*precipitadamente*) Marcos, as horas passam. Ouve ! Tu vais sair daqui. Estão em jôgo a sua vida e o nosso amor. Se não viesses e êle morresse, o seu fantasma ficaria para sempre entre nós dois. (*com desespero*) Vão terminar talvez as pancadas daquele coração ! (*Pára e tem um súbito desvairamento de aflição.*) Morto o meu irmão ! Não pôde ser ! (*suplicando com fervor, por entre lágrimas*) Marcos, meu querido amor, tu não sabias bem ainda... Era um engano... Agora, sim... Tu vens comigo, para lhe dar a vida, não é certo ? !

MARCOS

(*surdamente*)

Não ! Não ! Nunca !

SUZANA

Cala-te ! Espera.

MARCOS

O que eu soffro !... Também tu !... Rene-
gas-me também !...

SUZANA

Eu ? ! Marcos, endoideço !... Não me falaste

tantas vezes na alegria e na beleza do sacrificio?!

MARCOS

Sim, falei!

SUZANA

Que hora mais bela, pois, queres tu, se é um milagre, um milagre! o que podes fazer?!

MARCOS

(que até ao fim da scêna atinge o auge da iluminação delirada)

Eu não sacrifico à vida que passa; mas ao que fica, ao que é eterno. E não é êste um sacrificio?!

SUZANA

Espera... Deixa-me vêr... Sim! Medita. O teu sacrificio não será no fundo o disfarce dum egoismo monstruoso?

MARCOS

Suzana, esqueces que arrisquei por êle a própria vida, que para o não ferir, fugi e que a mim me tenho sempre oferecido e sacrificado, sem medida. Eu, uma vida, pouco importa... Mas como queres tu que o salve, a êle, renegando o que de mais belo a vida tem?!

SUZANA

Marcos, que suplicio! Abusas dos meus nervos. Eu não te entendo! Se a vida dum só homem vale tão pouco, porque attribuis tamanho valor à tua?!

MARCOS

(com indignação e veemência)

Não se trata de mim! Aqui defendo os direitos da verdade. Sou a esperança no futuro. Dou aos que sofrem e vacilam a certeza em si próprios. Eu não sou eu. Agora sou a ansiedade e a beleza da vida!

SUZANA

(com um principio de cólera)

Não há palavras, não há ideias, que valham para mim aquela vida! Que martírio! Senhor! se ao menos parasse o tempo! Não entendeste então!... Espera... Se tu o visses, como eu vi, ensangüentado e esvaído, a boca torcida de amargura, mal se lhe ouvindo a voz, a chamar por ti, por ti! tu virias, abalavas, deixarias tudo, arrebatado de piedade. A estas horas está talvez assim, esvaindo-se em sangue, e à tua espera!... Marcos, pelo nosso amor! Vem! *(prendendo-se-lhe, ajoelhando, gritando)* Dar-te-hei a vida toda! Serei a tua escrava! A tua amante! Mas salva-o! Deixa as palavras! Deixa tudo! Vem!

MARCOS

(erguendo-a, afastando-a, debatendo-se consigo próprio)

Cala-te! Deixa-me! Martirizas-me! Que angústia!... Eu quero-lhe, eu estremeço-o! Eu sofro por êle, por ti, por mim, por todos!

SUZANA

(com uma esperança, ansiosa)

Porque não vens então, amor?!...

MARCOS

(com desalento e dôr)

E soffro pela tua cegueira! Pudeste acreditar que eu atraíçoasse a minha fé?! Que tens então amado em mim?! Nunca me comprehendeste!

SUZANA

E tu? Acaso comprehendes a minha alma? Já viste como eu soffro?!

MARCOS

Eu vejo... vejo...

SUZANA

Só de o lembrar tinto de sangue, eu perco a vista e tremo da cabeça aos pés! É a minha carne toda que se revolta e que me impele. Escuta! É a ultima vez. Retenho-me ainda à beira do irremediável... Salva-o!... E salva-me!...

MARCOS

(com tristeza)

Compreendo-te, sim! És uma mulher, uma mulher, a quem o amor de irmã desvaira! Pensas apenas com o coração. Cegaste para tudo o mais! *(pausa)* Mas como hei de eu fazer-te comprehender?!

SUZANA

Basta! É inútil!

MARCOS

E, todavia, êle, se pudesse ouvir-me, com-

preendia. Está mais perto da verdade do que tu... Ouve.

SUZANA

É inútil. Acabaram-se as palavras.

MARCOS

(arreatado)

Não. Ouve. Vai. Vai e dize-lhe que toda a minha alma o estreita nesta hora terrível. Vai e dize-lhe que a maior saudação que posso levar ao seu leito de moribundo é o meu sacrificio! Dize-lhe que me sujeito ao exílio e à morte em nome da verdade! Dize-lhe que pode levar para a morte a certeza de que alguém lutará por ela! E que sair daqui, traíndo-a, seria ultrajar a sua própria agonia! *(Para. (Illumina-se-lhe o rosto numa revelação) Vai! Vai depressa e dize-lho. Se lhe falares com o poder de quem enfim entreviu a verdade, êle há de compreender. Farás tu o milagre! E êle não morrerá! Tenho a certeza! Vai! (Suzana faz repetidas vezes menção de quem não quiere ouvir.) Suzana, tu não ouves?! Não comprehendeste ainda?!)*

SUZANA

(avançando para êle, de punhos cerrados, num acesso de indignação furiosa)

Enganas-te! Compreendi! Tu não tens coração; tu não tens piedade! És uma féra uivando sôbre a tua vítima! Fazes-me horror! Fujo de tí! Odeio-te!

(Dirige-se arrebatadamente para a porta.)

MARCOS

(Tem um movimento de pasmo atordoado. Hesita. Depois corre sobre ela. Segura-a pelos braços, prende-a pelos punhos com violencia cega.)

Não vais! Não vais! Não sairás daqui sem compreender! Chegou a minha vez!

SUZANA

(tentando desprender-se)

Larga-me!

MARCOS

Não! Também tenho uma alma, e amo e sofro! Agora eu! *(sacudindo-a brutalmente)* Hei de te abrir os olhos! Não vês e não queres vêr! E porquê?! Porquê?! É pelo teu irmão? Não sabes que êle hoje está mais perto de mim que nunca?! E que a força, a coragem, a fé na vida é que realizam os milagres; e não a abdicação a cobardia, o suicídio?! *(como-vendo-se)* Não vês que se lhe levasses esta chama e a certeza de que ficava amparado pelo teu amor... Mas não... Mas não... *(hesita)*

SUZANA

(um pouco vencida)

Deixa-me...

MARCOS

(soltando-a, com desânimo e arrependimento)

Sim, deixo-te... Para quê?... *(Um silêncio longo. Suzana está imóvel e de cabeça baixa. Continuando com amargura e indignação)* Eu que tinha sonhado ir contigo pela vida fóra, a torná-la cada vez mais bela... Não!

Tu não nasceste para amar os fortes! Tu não nasceste para subir aos cumes! Não merecias êste amor de fogo, com que eu alumiaava o teu caminho... Não! Não podes compreender! Vai-te! Acabou-se. Deixa-me tu também!

SUZANA

(fazendo um passo para êle, hesitante, vencida, torturada)

Marcos... meu pobre Marcos... Cala-te... perdoa... espera... fazes-me tanta pena!...

MARCOS

(com profunda revolta)

Tudo menos isso! Poupa-me à tua piedade. Não me comprehendes: vai-te! julguei-te doutra têmpera?... Enganei-me... Acabou-se. Eu saberei devorar em silêncio as minhas dôres. Mas nada de piedade! Não a accito! Vai-te!

SUZANA

(vai para êle e toma lhe as mãos, fazendo o geito enternecido de as levar ao coração)

Cala-te! Sofres! Tens as mãos a arder. Tu não estás em ti. Delíras!

MARCOS

Não te iludas. Nunca estive tão calmo. O que eu agora sinto é outra coisa... que eu não conheço... espera... já não conto para ninguém... ninguém... É a serenidade fria dos

que perderam tudo... E todavia... Fugiu-me o chão dos pés e dir-se-hia que os assento com mais fôrça do que nunca!

SUZANA

(*com intimativa*)

Cala-te! Cala-te! (*enternecendo-se*) Perdôa! Eu explico-te. É qualquer coisa de mais forte de que eu própria, que me empolga e me faz exceder... O que vai ser de ti?! (*Hesita. Depois num impeto*) Mas eu amo-te! Amo-te, Marcos!

MARCOS

Guarda a tua piedade, já te disse! Não aceito esmolas. Eu irei de leva, como os degredados, para a Costa de África! Para o degredo, a infâmia, a febre, a morte! Eu ficarei sòsinho! Mas de pé! Não penses mais em mim. Não tremo! (*Pausa. Tem um impeto de orgulho e fôrça desvairada.*) A alegria do sacrificio? Aqui a tens! Não quero a tua piedade! A minha cruz alevanta-me acima de vós todos! O meu orgulho canta e ri sôbre o calvário!

SUZANA

(*num êxtase de paixão delirada*)

Amo-te! Amo-te! Como és belo! Não digas mais! Quero-te! Sou tua!

MARCOS

(*dominando a comoção*)

Suzana, pensa o que dizes! Só quero que

me ames como eu sou. Se nunca me viste, olha-me bem! Nunca fui tão igual a mim mesmo como agora. Não me iludas mais!

SUZANA

(iluminada; num frenezim de dôr e de alegria)

Amo-te... Compreendi-te!... Cala-te! A dôr revelou-me a verdade... Sofro, mas compreendo! Penso com o coração?... Talvez... Mas, a ti próprio, só a dôr te revelou inteiramente. Venceste-me. És o mais forte! Sou a tua preza! *(Marcos tem um sorriso de encanto e pismo. Arqueja de emoção. Move a cabeça como quem não crê.)* Ouves?!... Não digas mais agora! Não duvides! É a minha alma que te grita a verdade profunda! Não a ultrages! Empolgava-me o meu amor de irmã... Tem piedade dêste coração martirizado!... Sim, vou já levar-lhe a nova... Havemos de o salvar! Salvâmo-lo com certeza! E tu... se fôres, irei contigo... Hei de salvar-te a ti também!

MARCOS

(opresso, vacilante, atônito)

Tu tens razão... Deliro! Pois se ainda há pouco... Deixa-me serenar. *(tomando-lhe a face e a fronte com as mãos, num ímpeto irresistível de paixão)* Amas-me?! Amas-me?! É certo?!

(Ficam a olhar-se, face a face, quási a tocarem-se, a respiração opressa, a voz cortada de emoção).

SUZANA

Sim amo-te. Entrego-me toda a ti!

MARCOS

Fala... Repete... Quero ouvir-te.

SUZANA

Amo-te! Sou tua! Compreendi-te emfim.

MARCOS

Então verdadeiramente tu és a Eva, que nasceu da minha carne e da minha alma lacerada?!...

SUZANA

Sim. Da tua fôrça... Da tua beleza...

MARCOS

(inebriado)

Eis-nos emfim sob a árvore da vida... Que vertigem! Comamos dos frutos que sabem à eternidade... (*Beijam-se longa e arrebatadamente. Desprendem-se pouco a pouco.*) Este é o primeiro dia! Sômos Adão e Eva, pisando a terra virgem. O Paraíso, — agora o sei, está nas nossas almas.

SUZANA

(rindo e chorando)

Amo-te! Amo-te! Mas sou irmã! Devo ir ao pobre ferido... Devo ir ao pobre ferido...

Devo deixar-te! Eu voltarei depois! E serás tua, irei contigo. Nunca fui tão feliz e desgraçada!

MARCOS

(com os olhos rasos de água)

Suzana, abençoado seja o sofrimento, que revela as almas e a verdade! Os que temem a dôr nunca profundamente se alegraram. As nossas lágrimas caem no escuro, como o orvalho que anuncia a manhã. *(apontando para a janela gradeada o dia que nasce, triunfante)* Olha... Nasce o dia... A vida vai começar...

FIM



ACABADO DE COMPOR E IMPRIMIR,
AOS 21 DE MAIO DE 1921, EM LISBOA.

TIP. DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

50,000
8/10

JK

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PN

0016946

823-485

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 05 25 16 002 0